



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O *(Over)Sharenting* nas Plataformas Digitais e as Representações dos Pais sobre a Partilha nas Redes Sociais *Online* de Informações sobre as Crianças

Ana Margarida Andrade Baêta

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:
Doutor Tiago Lapa, Professor Auxiliar
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2024



**SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS**

Departamento de Sociologia

O *(Over)Sharenting* nas Plataformas Digitais e as Representações dos Pais sobre a Partilha nas Redes Sociais *Online* de Informações sobre as Crianças

Ana Margarida Andrade Baêta

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:
Doutor Tiago Lapa, Professor Auxiliar
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2024

“Our Greatest Glory is not in Never Falling, but in Rising Every Time We Fall.”

Confucius

Agradecimento

Aos meus pais, Sandra e Humberto, por serem os pais que são, pelo amor incondicional, por todos os ensinamentos que me deram e dão, por todo o apoio que sempre me deram em todas as fases e decisões da minha vida, e, por me darem força para nunca desistir dos meus objetivos.

Ao meu irmão, Rodrigo, que, apesar de me dar dores de cabeça, também fez com que esta fase fosse mais fácil porque me apoiou sempre, me fez rir quando me sentia mais triste e desmotivada, e, por estar sempre comigo.

Ao meu namorado, Nuno, por todos os abraços de conforto, por me puxar sempre para cima, por limpar as minhas lágrimas e me fazer sentir que consigo alcançar tudo o quero, por ouvir todos os desabafos e me dar os melhores conselhos, por todo o amor e por acreditar em mim.

À minha família e à família do meu namorado, por todo o apoio, por toda a preocupação e por quererem sempre saber como estava a correr este processo.

Aos meus amigos, e a todos os meus colegas de trabalho/amigos que mostraram sempre preocupação no meu bem-estar, que quiseram sempre ajudar e por todo o apoio.

Ao meu professor Tiago Lapa, que aceitou o desafio de ser meu orientador, que me ajudou sempre, que me deu orientações preciosas para a realização desta dissertação e por todas as palavras de conforto e apoio para a conclusão da mesma.

E, por fim, a mim mesma, que apesar dos altos e baixos nesta fase da minha vida, continuei a lutar pelos meus objetivos, pelo meu futuro e por mim.

Resumo

Deparando-nos com um mundo altamente tecnológico, as redes sociais *online* têm vindo a fazer, cada vez mais, parte do nosso quotidiano, contudo, quando é excessivo pode expor problemas para a vida do ser humano. Sendo assim, destacando esta excessividade, apresenta-se o termo *(Over)Sharenting*, isto é, a partilha excessiva de informações pessoais das crianças por parte dos pais nas redes sociais *online*, o que, consequentemente, pode prejudicar a vida das crianças.

Tendo como base este termo, o tema escolhido para desenvolvimento é o *(Over)Sharenting* nas Plataformas Digitais e as Representações dos Pais sobre a Partilha nas Redes Sociais *Online* de Informações sobre as Crianças, onde o objetivo é a investigação das várias perceções dos pais em relação à partilha *online* de informações que fazem sobre as crianças, no *Instagram*, e os fatores que influenciam esta prática.

Para tal, procedeu-se à concretização de entrevistas, e, através da aplicação do método *Social Media Scroll Back*, analisou-se os perfis de *Instagram* dos entrevistados através das várias publicações sobre as crianças, permitindo identificar padrões, tendências, comportamentos e motivações dos pais em relação ao *(Over)Sharenting*.

Os resultados contribuem para um melhor entendimento desta prática, permitindo responder às várias questões de pesquisa, assim como uma reflexão sobre a privacidade, o consentimento e a literacia digital.

Palavras-chave: *(Over)Sharenting*, Redes Sociais *Online*, Crianças, Parentalidade, Privacidade, Representações e Práticas dos Pais

Abstract

Faced with a highly technological world, online social networks have increasingly become part of our daily lives, but when it's excessive, it can cause problems in human life. This excessive sharing has led to the term (Over)Sharenting, i.e. the excessive sharing of children's personal information by parents on online social networks, which consequently can harm children's lives.

Based on this term, the topic chosen for development is (Over)Sharenting on Digital Platforms and Parents' Representations of Sharing Information about Children on Online Social Networks, where the aim is to investigate the various perceptions of parents in relation to sharing information about children online on Instagram and the factors that influence this practice.

For this purpose, interviews were conducted and, using the Social Media Scroll Back method, the interviewees' Instagram profiles were analyzed through the various posts about their children, allowing us to identify patterns, trends, behaviors and motivations of parents in relation to (Over)Sharenting.

The results contribute to a better understanding of this practice, allowing us to answer the various research questions, as well as reflecting on privacy, consent and digital literacy.

Key terms: (Over)Sharenting, Online Social Networks, Children, Parenting, Privacy, Parental Representations and Practices.

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Revisão da Literatura	4
2.1. Definição e Origem do <i>(Over)Sharenting</i>	4
2.2. As Consequências do <i>(Over)Sharenting</i> na Relação entre os Pais e as Crianças	6
2.2.1. A Literacia Digital e o Comportamento Parental	6
2.2.2. Os Desafios da Parentalidade e o Interesse das Redes Sociais <i>Online</i>	7
2.2.3. O Impacto do <i>(Over)Sharenting</i> na Privacidade e na Identidade das Crianças	9
2.2.4. As Implicações Psicossociais do <i>(Over)Sharenting</i>	12
Capítulo 3. Plano de Investigação e Métodos	16
3.1. Objeto de estudo e Objetivos de Pesquisa	16
3.2. A Metodologia <i>Social Media Scroll Back</i>	18
3.3. A Escolha do <i>Instagram</i> como Fonte de Análise	18
3.4. Ética na Pesquisa Qualitativa	20
Capítulo 4. Resultados	22
4.1. Apresentação de Resultados	22
4.1.1. Caracterização Sociodemográfica dos Pais Entrevistados	22
4.1.2. Caracterização Social dos Filhos dos Entrevistados	23
4.1.3. Frequência da Partilha dos Pais Entrevistados	23
4.1.4. Tipos de Conteúdo partilhados pelos Pais	24
4.1.5. Tipos de Contextos Para a Partilha de Publicações sobre as Crianças	25
4.1.6. Questões de Sensibilidade e Privacidade	25
4.1.7. Motivação para a Partilha sobre as Crianças	26
4.1.8. Emoções dos Pais Entrevistados Associadas à Partilha	27

4.1.9. Impacto Percebido nas Crianças	28
4.1.10. Influência na Construção Digital	28
4.1.11. Gestão da Privacidade	28
4.1.12. Tipos de Consciencialização	30
4.1.13. Envolvimento e Feedback dos Seguidores à Partilha pelos Pais	31
4.1.14. Tipos de Pais Existentes na Partilha nas Redes Sociais <i>Online</i>	33
4.2. Discussão de Resultados	34
 Capítulo 5. Conclusão	 38
 Referências Bibliográficas	 41
 Anexos	 46
Anexo A	46
Anexo B	50
Anexo C	52
Anexo D	55
Anexo E	57
Anexo F	63

CAPÍTULO 1

Introdução

Num mundo altamente tecnológico, as redes sociais *online* (RSO) estão cada vez mais integradas na vida do ser humano, seja para a obtenção de informações, seja para a partilha de informações com os outros. Esta utilização progressiva pelas redes sociais *online* deve-se, sobretudo, ao facto de, cada vez mais, estas oferecerem espaços que promovem a partilha de conteúdos, a liberdade de expressão, a interação e o diálogo com outros, tanto familiares, como desconhecidos, e a experiência de se poder produzir conteúdos novos e diferentes a toda a hora e de maneiras diferentes. (Shabahang et al., 2022)

Apesar destas vantagens para o utilizador, quando a partilha de conteúdos é feita de forma excessiva e quando é de informação pessoal, pode-se vir a tornar num problema para a sociedade, devendo ser destacado e discutido, a partir do momento em que oferecem perigos para o utilizador. Nesta perspetiva, apresentam-se os conceitos de *sharenting* e *(over)sharenting*, dois termos utilizados para a falar sobre a partilha de informações *online* das crianças por parte dos pais, sendo que o *sharenting* aparece com a junção dos termos *sharing* e *parenting* (Marasli et, al., 2016, p. 399), consistindo “(...) no hábito de pais ou responsáveis legais postarem informações, fotos e dados dos menores que estão sob a sua tutela em aplicações de internet (...) e é realizado no âmbito do legítimo interesse dos pais de contar, livremente, as suas próprias histórias de vida, da qual os filhos são, naturalmente, um elemento central. (Eberlin, 2017, p.258).

Quando esta partilha se torna excessiva, e, começa a apresentar riscos para as crianças, falamos em *(over)sharenting*, uma combinação do termo *oversharing* e *parenting* (Marasli et, al.,2016), sendo “ (...) a prática de superexposição de crianças e adolescentes na internet pelos seus pais ou responsáveis.” (Rabelo, 2022, p.15), sobretudo nas redes sociais *online*, onde expõem “(...) fotos, vídeos, localizações, dados pessoais e outros, criando uma pegada digital que os acompanham no decurso de sua existência.” (Santos & Edler, 2022, p.856), acabando, de forma inconsciente ou não, a pôr as crianças em perigo, e “(...) ferindo direitos de personalidade, imagem e de privacidade.”. (Halmenschlager & Schmitz, 2022, p.107)

Neste sentido, o principal objetivo do desenvolvimento desta dissertação é a investigação da prática do *(over)sharenting* e a análise das várias perceções e

representações que os pais portugueses têm em relação ao *(over)sharenting*, de forma a percebermos as suas práticas, o impacto e as consequentes implicações que esta partilha desmedida pode causar nas crianças e no seu desenvolvimento.

Para o desenvolvimento desta dissertação, a estrutura está dividida em três partes: a revisão da literatura, o plano de investigação e métodos, e a apresentação e discussão de resultados. A revisão da literatura tem o objetivo de apresentar e desenvolver o conceito de *(over)sharenting*, de forma a entender-se melhor o papel das redes sociais *online* na partilha de informações, e a importância do reconhecimento da existência desta prática, mas também apresenta a importância da literacia digital na vida dos pais, demonstrando se a existência de uma educação dos média pode ou não afetar a partilha desmedida nas redes sociais *online* por parte dos pais; os desafios da parentalidade existentes que motivam a utilização das redes sociais *online*, e, o paradoxo da privacidade e o direito ao consentimento e à identidade digital das crianças, onde se desenvolve o paradoxo existente entre a partilha excessiva e o dever de proteção das crianças por partes dos pais.

São desenvolvidos, igualmente, os direitos dos pais e das crianças, e, também os perigos existentes do *(over)sharenting* para as crianças como o *bullying* nas escolas, o *cyberbulling*, o *Digital Kidnapping*, o *Grooming*, o *Happy slapping*, o *sextortion*, o *sexting*, a pedofilia, o *catfishing*, a utilização de imagens para pornografia infantil, e a utilização e a modificação de imagens ou vídeos através de inteligência artificial (IA).

A segunda parte é constituída pela justificação do objeto de estudo escolhido e os objetivos da pesquisa, explicando os critérios de seleção dos participantes, e a representatividade da amostra, assim como a metodologia escolhida, o *Social Media Scroll Back*, de forma a entender-se as suas vantagens para esta investigação, onde o *Instagram* é a rede social *online* selecionada para a investigação do historial dos pais para o entendimento das suas perspetivas em relação ao *(over)sharenting*. Esta investigação ao *Instagram* é justificada, igualmente, onde se apresentam as vantagens do mesmo para o utilizador e para a prática do *(over)sharenting*, havendo uma comparação ao *Facebook*, que é a rede social *online* mais analisada em estudos do *(over)sharenting*.

Para finalizar a parte do plano de investigação e métodos, decidiu-se desenvolver a questão da ética na pesquisa qualitativa, reconhecendo a sua importância, e, detalhando como se irá garantir o consentimento informado dos participantes e a proteção da privacidade dos dados recolhidos.

É através da terceira parte, constituída pela apresentação e discussão de resultados, que se permitirá responder às várias questões de pesquisa: a justificação das redes sociais *online* serem tão aliciantes para os pais divulgarem informações sobre o seu dia-a-dia, destacando a vida pessoal dos filhos; a explicação para os pais sentirem necessidade de divulgar detalhes tão importantes e diminuïrem a segurança dos filhos através da partilha da sua localização, datas importantes, fotografias e vídeos inapropriados e incómodos para as crianças; e se os pais terão consciência do que as redes sociais *online* podem trazer negativamente à vida da criança, assim como: quais serão os fatores por detrás do *(over)sharenting*?; será esta prática explicada pela questão de género?; será que a idade pode ser um dos fatores que expliquem a utilização das redes sociais *online* para partilhar informações sobre as crianças?; será o nível de escolaridade um fator essencial para o conhecimento dos perigos advindos pela prática do *(over)sharenting*?; e, será que o *(over)sharenting* pode ser explicado, consequentemente, pela falta de literacia digital?

Consequentemente, tanto a revisão da literatura como a análise de resultados feitas através do *Social Media Scroll Back* são essenciais para entender a prática do *(over)sharenting*, e perceber as várias representações, práticas e motivações dos pais, num contexto português.

Revisão da Literatura

2.1. Definição e Origem do (Over)Sharenting

No que toca a partilha nas redes sociais *online*, a sociedade tem vindo, cada vez mais, a demonstrar uma grande necessidade de tal. Isto deve-se à existência de uma estimulação social para partilhar aspetos sobre a vida pessoal, como fotografias, vídeos, mas também para partilhar opiniões e experiências com os outros, como se constata: “(...) social media has given people new tools to see and be seen, forcing participants to reassess their personal privacy desires in a highly networked society where sharing is a central component of participation”. (Marwick & boyd, 2014, p.1053) A questão é: Porquê tanta necessidade de partilhar conteúdo nas redes sociais *online* e quando é que chega a ser considerado excessivo?

Segundo Brammer et, al.(2022), a partilha de informação nas redes sociais *online* acontece devido a uma urgência de autorrevelação para a sociedade, a partir do momento em que se cria um perfil nas redes sociais *online* e se espera que os outros façam o mesmo e partilhem conteúdo. Esta autorrevelação deve-se, sobretudo, ao desejo de validação social, à liberdade de expressão, ao desejo de ser popular e conhecido nas redes sociais *online*, e, ao interesse e desenvolvimento de relações sociais, estimulando a partilha de dados sobre a vida pessoal, os interesses, e, muitas das vezes, a localização. (Masum & Tovey (2015).

E, apesar desta informação, normalmente, ser partilhada com pessoas que se conhece do nosso dia-a-dia, com as redes sociais *online* e a amplitude que estas têm, este tipo de informações consegue chegar a qualquer tipo de pessoa: “Although most of this sharing remains voluntary, the power of Web 2.0 to allow these streams of personal information to be viewed across platforms, captured and archived, cut and pasted, data-mined, and mashed up makes apparent a striking contrast to sharing in the past.”. (Masum & Tovey, 2015, p.176) Isto prova que quando se publica demasiada informação sobre a vida pessoal, a segurança das pessoas pode ser comprometida, como Brammet et, al.(2022) refere: “The availability of private information on the internet makes the threat of virtual virality at the macro level a dangerous one while also leading us to question the harm—or at the very least, discomfort—caused by exposure to personal or sensitive information in mediated interpersonal contexts.” (p. 2).

Neste sentido, é esta preocupação com a exposição e com a partilha de informações com pessoas indesejadas que leva ao desenvolvimento do conceito de *(over)sharenting*, sendo que, a partilha de informações sobre os filhos acontece, cada vez mais, nas redes sociais *online* devido à evolução e ao desenvolvimento da fotografia, que agora, sendo de forma digital, contribui para uma partilha mais facilitada e mais rápida. Esta “(...) spans all ages and all experiences. It is a universal way to capture an individual, share with others, and revisit whenever one desires.” (D’Amico, 2022, p.15), e, acaba por fazer parte da vida dos pais (D’Amico, 2022), fazendo com que estes queiram partilhar as suas memórias, nomeadamente dos filhos, como o seu nascimento, a sua primeira ida à escola, e outras fases da vida que mostrem o crescimento das crianças: “(...) parents of young children generally share four types of pictures of their children on SNSs, namely pictures of milestones (e.g., first teeth pictures), pictures with family and friends on it (e.g., holidays), and pictures they consider to be cute (e.g., baby pictures) or funny (e.g., eating dirt).” (Verswijvel et, al., 2019, p.1)

Apesar desta partilha digital mais facilitada com os outros, a questão é quando é que a partilha se pode tornar excessiva e problemática para as crianças, pois, mesmo sendo normal os pais quererem partilhar nas redes sociais *online*, quando esta ultrapassa os limites de autoridade parental e se torna excessivo, pode causar consequências negativas para as crianças, e, é aqui que aparece o *(over)sharenting*. Este é um termo que foi utilizado pela primeira vez por Steven Leckart, num artigo realizado para o *The Wall Street Journal*, onde abordava e desenvolvia a sua maneira de ver os desafios da parentalidade (Oliveira da Silva, 2022), sendo definido pelo excesso de partilha de informações pessoais, fotografias, vídeos, entre outros, das crianças *online* pelos pais, que pode originar diversos problemas nas crianças, tanto na vida pessoal, como digital.

Esta superexposição de informações sobre as crianças pode ser algo controverso, no sentido em que acaba por apresentar desafios tanto para a vida da criança como para a vida de um adulto, pois, se por um lado, os adultos podem e têm o direito de partilhar as várias informações que lhe dão mais jeito para as várias finalidades, mesmo que seja para mostrar orgulho dos seus filhos (Oliveira da Silva, 2022), por outro, os interesses das crianças também têm de ter lugar no meio digital, onde devem ter as suas necessidades ouvidas pois: “Children not only have interests in protecting negative information about themselves on their parent’s newsfeed, but also may not agree with a parent’s decision to share any personal information—negative or positive—about them in the online world.” (Steinberg, 2017, pp. 843-844).

Para se entender, então, estes problemas que podem existir através da partilha excessiva de informações, as consequências do *(over)sharenting* na relação entre os pais e as crianças serão abordadas, seguidamente.

2.2. As Consequências do *(Over)Sharenting* na Relação entre os Pais e as Crianças

2.2.1. A Literacia Digital e o Comportamento Parental

Um dos pontos a ser apontado para a prática do *(over)sharenting* é a falta de literacia digital, que muitas vezes, é uma peça fundamental que falta aos pais em relação à utilização dos meios digitais e aos problemas que estes podem trazer para a vida do ser humano. Neste contexto, será a falta de literacia digital um dos fatores que explica a prática do *(over)sharenting*?

Segundo Barnes & Potter (2021), a literacia digital é definida pelas habilidades existentes para compreender e utilizar as plataformas digitais de forma correta, sendo que, segundo Sonck, Livingstone, Kuiper, & de Haan (2011), como citado em Barnes & Potter (2021), estas habilidades são “(...) instrumental (or basic or functional), informational (understanding, navigation, evaluation) and social (communication, self-disclosure, privacy). (p.10). No caso da prática do *(over)sharenting*, isto é essencial, no sentido em que os pais devem saber utilizar os utensílios proporcionados pelas plataformas digitais, e, usar as redes sociais *online*, de forma crítica, podendo, assim, proteger a sua privacidade e as das suas crianças ao restringirem a audiência a quem mostram e partilham as suas informações (Barnes & Potter, 2021), como se constata: “(...) Critical thinking is the most crucial component for parents when doing sharenting activities because it filters what information can and cannot be shared about their children on social media.” (Harnum & Pinariya, 2023, p. 14).

Exemplo disto é a rede social *online Instagram* que tem a opção da página se tornar pública ou privada, onde, se for privada, as publicações só são vistas pelos seguidores que as pessoas decidiram aceitar, tornando-se, assim, uma forma de monitorizar e proteger a privacidade. (Barnes & Potter, 2021) Porém, se a página for pública, as informações são facilmente mais expostas ao público, pois “(...) the audience of online communication is large and diverse and difficult to accurately imagine.” (Barnes & Potter, 2021, p.11).

Sendo assim, estas consequências na vida das crianças podem-se associar à má educação dos pais no que toca a literacia digital, pois, se os pais se educarem sobre as potencialidades e os riscos das plataformas digitais, irão utilizá-las de maneira mais correta, e, conseqüentemente, alertar e monitorizar o tempo dos filhos nas redes sociais *online*, para que estes cresçam, igualmente, a saber o que a partilha desmedida pode fazer às suas vidas. Portanto, se tal literacia digital não acontecer da parte dos pais, as crianças estarão sempre expostas aos perigos existentes, à falta de privacidade e à existência de uma pegada digital formada pelos pais, temas que serão desenvolvidos seguidamente.

2.2.2. Os Desafios da Parentalidade e o Interesse das Redes Sociais *Online*

Outro dos pontos a ser considerado é a parentalidade e as consequências que esta partilha de informações exacerbada nas redes sociais *online* pode trazer para a relação entre os pais e as crianças. Esta é definida como um “(...) conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (Cruz, 2005 como citado em Brito, 2019, p.6), e representa um grande desafio para a vida do ser humano, pois ser pai é uma fase nova, cheia de mudanças, dificuldades, onde existem dúvidas sobre o crescimento do bebé. (Pinto & Monteiro, 2018)

Consequentemente, são estas dúvidas dos pais que fazem o pai ir ao encontro de formas para as solucionar, pois são formas para “(...)a manutenção da saúde mental; para o enfrentamento de situações estressantes, como tornar-se pai ou cuidar de alguém doente por muito tempo; para o alívio dos estresses físico e mental; e para a promoção de efeitos benéficos nos processos fisiológicos (...)”. (Basic Behavioral Science Task Force of the National Advisory Mental Health Council(1996); Uchino, Cacioppo & Kiecolt-Glaser (1996), como citado em Dessen & Braz, 2000, p.222)

Neste caso, uma das formas de procurar este apoio social são as redes sociais *online*, pois “As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades” (Castells, 2005, p.23, como citado em Saraiva, 2020, p.21), sendo que o *Facebook* é das redes sociais *online* onde isto é mais visto. (Brosch, 2016).Consequentemente, há um desenvolvimento de uma identidade e

de uma relação com os outros, o que combate o isolamento e a solidão sentidos pelos pais nos primeiros anos de vida da criança. (Klucarova & Hasford, 2021)

Para além dos pais procurarem apoio em pessoas que estejam a passar pelos mesmos desafios, também utilizam as redes sociais *online*, e, conseqüentemente, a partilha, como formas de demonstrar a importância dos filhos para a família (Nunes, 2022), e para os seguidores, ou seja, quantas mais publicações dos filhos, mais importância têm na vida dos pais, e é através de “like,” a “share,” or a gratuitous comment, public sharing of personal information often results in positive stimuli, which, in turn, encourages a parent to continue to put personal information in the public domain.” (Steinberg, 2017, p.846), sendo uma “(...) forma de conexão, validação e suporte familiar (...)”.(Steinberg, 2017, p.846)

Segundo Brosch, no final de 2014, de acordo com um estudo da Universidade de Michigan, são as mulheres (56%) que são mais encorajadas para partilhar mais informações das crianças nas redes sociais *online*, pois estas têm mais tendência para partilhar informações e dúvidas com pessoas que não conhecem, interagindo com mais frequência com os outros. Conseqüentemente, são estas que acabam por construir, muitas das vezes, inconscientemente, uma identidade digital para as crianças, através de simples publicações como “(...) pregnancy announcements, birth pictures, the first day of school, vacations, meals, and holidays.” (D’Amico, 2022, p. 17), tornando-se, muitas das vezes, em *mommybloggers* ou *influencers* digitais.

Com isto, reconhece-se que a parentalidade está cada vez mais dependente do meio digital para diminuir as dificuldades existentes, e, apesar destas motivações dos pais para a partilha de informações sobre as crianças poderem vantajosas e benéficas para os desafios da parentalidade, da validação, da aceitação social, e para o fortalecimento das conexões familiares pois “(...) o aumento na frequência e na densidade da comunicação pode aprofundar sentimentos ambivalentes e exacerbar momentos de proximidade e distância entre os membros da família.” (Piccini, et al., 2021, p. 852), como se pode verificar, quando é algo excessivo pode originar problemas na relação entre os pais e as crianças. Estes devem-se, sobretudo, ao conflito de interesses existente entre os pais e os filhos, onde, muitas das vezes, os pais põem as suas motivações e interesses nas redes sociais *online* acima das crianças, pondo de parte e desrespeitando os direitos à privacidade, ao consentimento e à identidade digital que as crianças têm. Logicamente, quando há este desrespeito dos direitos das crianças, estas podem sentir vergonha nas várias publicações embaraçosas, o que provoca falta de autoestima na vida pessoal e na

vida profissional e, sobretudo expõe as mesmas aos vários perigos do meio digital, havendo uma culpabilização aos pais, que se irá desenvolver, seguidamente.

2.2.3. O Impacto do (Over)Sharenting na Privacidade e na Identidade das Crianças

Para além do que já foi abordado, o paradoxo existente da privacidade, o consentimento e a identidade digital das crianças são temáticas importantes a ser analisadas, sendo que, estas têm sofrido alterações devido à evolução tecnológica do nosso quotidiano, e, consequentemente, devido à prática do *(over)sharenting*.

O paradoxo da privacidade aparece no contexto do *(over)sharenting* quando existe uma complexidade entre o desejo dos pais pela partilha nas redes sociais *online*, nomeadamente, de informações sobre os filhos, e a sua preocupação pela proteção da privacidade dos mesmos. Infelizmente, o que acontece com mais frequência é esse desejo ultrapassar a proteção dos filhos, e, em vez de educarem as crianças, de as protegerem dos riscos desnecessários e de as salvaguardarem, são estes, os principais responsáveis de exporem, de forma excessiva, as informações pessoais das crianças para benefício próprio. (Steinberg, 2017).

Esta partilha desmedida acontece pelo direito que os pais têm para partilhar informações sobre a sua vida pessoal, que inclui, como se pode esperar, os seus filhos, sendo que, segundo Steinberg (2017), num estudo feito pela Universidade de Michigan, 56% dos pais partilham informações embaraçosas sobre os filhos, 51% dá informação que pode dar à localização sobre o filho e 27% faz *upload* de fotografias inapropriadas dos filhos. (Brosch, 2016).

Para se perceber melhor a perspetiva dos pais para a partilha de imagens e informações das suas crianças, Livingstone et, al. (2018) realizou um estudo, no Reino Unido, aos pais, para perceber, realmente, “What do parents think, and do, about their children’s online privacy?”. Neste estudo, pode-se perceber que uma grande maioria dos pais tem acesso às redes sociais *online* e usam-nas frequentemente (89%), sendo que 75% partilha informações sobre os filhos, o que, segundo Livingstone et,al. (2018), depende bastante da idade do filho: “(...)60% of parents of children under four share images of their child with close family and friends whereas only 47% of parents of 13-17 year olds do the same.” (Livingstone et, al. 2018, p. 5), mas, também da idade dos pais, pois “(...) parents of older children are often older themselves, and therefore less likely to use social media in general. Or it could also be because children gain more

independence as they grow older, gaining their own social media accounts.” (Livingstone et, al. 2018, p. 5)

Para além disto, são os pais mais jovens que costumam partilhar mais vezes informações, sendo que, maior parte partilha para estarem conectados à família, mas, alguns têm algumas preocupações em relação à partilha, perguntando à criança primeiro se podem partilhar.

5% dos pais, também, afirma já se ter arrependido de partilhar informações *online* e, somente 7% tem a regra de não mostrar a cara dos filhos *online*. (Livingstone et, al. 2018, p.7). Confirma-se que os pais que se preocupam mais com a privacidade são os pais que partilham mais imagens das crianças *online*, sendo que 20% partilha com mais de 200 contatos *online*. (Livingstone et, al. 2018)

Para além do problema do paradoxo da privacidade, uma das questões que também tem vindo a ser destacada para justificar a falta de privacidade e de consentimento vindas dos pais, é a existência de influenciadores digitais, como as *MommyBloggers*, que, segundo Macedo et, al. (2023), a partir do momento que entram num mundo onde tudo é partilhado e ganham dinheiro dessa atividade, começam a fazer “publicidade” e a partilhar informações sobre as crianças, mesmo antes do seu nascimento, e, até a criar perfis para colocar especificamente informações sobre a criança, como se constata com a conta de *Instagram* @jake.com, uma conta com mais de 2,6 milhões de seguidores, criada para partilhar informações sobre o bebé mesmo antes de se saber o nome dele. (Silva, 2020)

Consequentemente, as crianças começam, desde cedo, a ser alvo de exposição da sua intimidade (Silva, 2020) e de exploração total (Macedo et, al., 2023), sendo que, maior parte das crianças não tem sequer consciência da sua própria existência quando os pais começam a partilhar informações sobre as mesmas nas redes sociais *online*, e quando estas crescem não têm forma de se manifestar sobre a sua imagem e a sua identidade, pois já têm uma pegada digital formada da sua pessoa devido, ao facto de “(...)We are, after all, inserted in a “consumer society”, where people are encouraged to promote an attractive and desirable commodity, using resources to increase the value of the product they sell or advertise on the market: and that product is themselves.” (Martins et,al. ,2020, p. 158)

Um exemplo disto (Figura 1 do Anexo A) é o caso português do casal Mafalda Teixeira e Kapinha, dois influenciadores digitais que utilizam o *Instagram* e o *Tiktok* para partilharem a sua vida e a do filho. Mais recentemente, partilharam um vídeo do

filho no hospital antes de uma cirurgia, a chorar, demonstrando a falta de privacidade e de noção que os pais conseguem ter quando ultrapassam os limites da partilha de informações nas redes sociais *online*. Consequentemente, estes casos de exploração da vida das crianças por parte de influenciadores digitais funcionam já como forma de negócio e rendimento, permitindo com que os pais não tenham em consideração, muitas vezes, a opinião das crianças, e não pensem nas consequências que podem existir na vida das mesmas. (Lemes, 2022)

Seguindo este aspeto, se as crianças não derem o consentimento necessário aos pais para a partilha das suas informações nas redes sociais *online* e se não tiverem consciência do que os pais expõem sobre a sua vida pessoal num local onde toda a gente tem acesso, a criança é prejudicada e vai contra os seus direitos inerentes. (Eberlin, 2017). Sendo assim, esta partilha excessiva de informação por parte dos pais nas redes sociais *online* pode, então, prejudicar o direito ao consentimento, o direito à privacidade e o direito à própria pegada digital das crianças, como refere Martins et, al. (2020): “It is possible to perceive that in the sharing of high-visibility parenting, the image of the child is extremely valued in its media function, including to the detriment of their opinions and preferences.”(p. 158). Estas devem ter as suas opiniões e vontades ouvidas e respeitadas porque têm o direito de não ter informações sobre a sua vida expostas nas redes sociais *online* e de criarem a sua própria pegada digital, pois “They are strong, appreciative, and multidimensional humans that should have their voice, choice, and agency respected.” (D’Amico, 2022, p.38)

No entanto, os pais também têm o direito de falar e de partilhar sobre a sua vida pessoal, esta que inclui as crianças, nas redes sociais *online* e, para tal, deve-se chegar a um consenso com a criança sobre o que os mesmos podem partilhar ou não, para haver um respeito mútuo e não haver problemas no futuro das crianças, e, para isso, Steinberg (2017) constata algumas resoluções que os pais devem ter assentes nas suas vidas, de forma a respeitarem tanto os direitos das crianças como os seus próprios direitos.

Em primeiro lugar, os pais devem ter noção das redes sociais *online* e dos *websites* onde partilham informações, ou seja, ter literacia digital, devem ter as notificações ligadas que os alertem de cada vez que informações da criança sejam pesquisadas ou partilhadas, como o nome e a localização e, devem, também, pensar em partilhar de forma anónima estas informações, para que não afete diretamente a criança, como por exemplo, quando se quer falar sobre doenças das crianças (Lombardi & Júnior, 2022), indo à procura de apoio ou ajuda para a sua, consequente, conscientização, não ser de

forma pública, porque estas podem ser gozadas publicamente na escola, e no meio digital. (Steinberg, 2017)

Antes de publicarem, também devem ter em atenção se qualquer fotografia, informação, ou vídeo sobre a criança podem ser considerados inapropriados e/ou embaraçosos para a criança, e, para a sua publicação, devem mostrar às crianças o que estão a pretender partilhar para que haja um consentimento ou não da publicação por parte da criança, pois, os pais têm “(...) a responsabilidade de garantir a proteção integral do desenvolvimento pessoal, social e a integridade física, psicológica e moral da criança.” (Rocha & Ferreira, 2023, p. 112)

2.2.4. As Implicações Psicossociais do (Over)Sharenting

Como se pôde perceber, com o *(over)sharenting*, as crianças têm, cada vez menos, forma de serem os principais orientadores da sua pegada digital, podendo, tanto ser prejudicadas devido à falta de privacidade existente, como à falta de segurança devido à partilha excessiva de informações que facultam informações que não deveriam estar na *Internet*. Naturalmente, isto pode provocar sérias situações de vulnerabilidade, como se irá constatar.

Segundo um estudo de Brosch (2016), pode-se constatar que as fotografias embaraçosas mais partilhadas nas redes sociais *online* são das crianças nuas ou seminuas (Figura 2 do Anexo A), podendo ser, também, fotografias mais engraçadas de momentos da vida das crianças. É através deste tipo de fotografias, que podem ser consideradas normais para os pais, mas que são embaraçosas para os filhos, e, muitas vezes, inapropriadas, que pode ocorrer o chamado *Digital Kidnapping*, onde “(...) strangers accessed the photos, downloaded them, altered them (...)” (Steinberg, 2017, p.847) para utilizar em *websites* inapropriados aproveitados por pedófilos, onde é dada uma nova identidade e uma nova história *online* (Brosch, 2016 p.227), como se confirma no caso da *hashtag* viral *Baby Role Play* (Oliveira da Silva, 2022)

Para além disto, a utilização de fotografias para *catfishing* é um bom exemplo do roubo de identidade, sendo que este termo é definido pela criação de perfis que não são verdadeiros “(...) vinculando imagens ou ideias de terceiros, seja para a manutenção do anonimato – o que pode vir a ser algo tanto positivo quanto negativo variando de acordo com o intuito da criação desses fakes – seja para a proliferação de informações erradas ou potencialmente prejudiciais a algum indivíduo ou grupo.” (Júnior, 2017, p.8). Estes dados utilizados nestas contas falsas e roubadas são utilizadas “(...) para piratear contas

das redes sociais ou das caixas de correio eletrônico, prejudicar a reputação ou desacreditar uma pessoa ou excluí-la do grupo de amigos, cometer delitos ou crimes que afetam a honra, como são exemplos a difamação e a injúria.” (Vieira, 2022, pp. 31-32). Estas fotografias podem ,ainda, ser utilizadas como forma de ridicularização, como se vê no seguinte exemplo do *Facebook*: “(...) the secret Facebook group consisting of mothers who were taking photos of children from other Facebook accounts before re-posting them online and making fun of the children.” (Brosch,2016 p.227), fazendo com que as crianças sofram, muitas vezes, de *cyberbullying* (Steinberg, 2017), um termo utilizado para se referir ao “(...) assédio moral que corresponde à manifestação de práticas hostis (via tecnologias da informação)” (Oliveira da Silva, 2022, p. 23) que é conseguido através de “(...) textos abusivos ou emails, a publicação de mensagens ofensivas, imagens ou vídeos nas redes sociais, fotografias alteradas através de montagens constrangedoras, incluindo piadas, ofensas, comentários racistas ou sexistas.” (Vieira, 2022, p.36).

Para além da utilização de imagens das crianças para *websites* inapropriados, é, também, através da partilha de fotografias e de vídeos, que se pode dar, igualmente, ao acesso ao nome, à voz, à localização, à idade e à religião (Steinberg (2017), que põe em risco a segurança das crianças, como se constata no seguinte exemplo dado por Silva (2020), sobre um menino de 5 anos num vídeo partilhado pelos pais (Figura 3 do Anexo A): “No vídeo, fica bastante visível como é a vista da casa da criança, pela janela, e qual a escola em que ela estuda - ela aparece com a farda. Apenas essas informações já podem ser o suficiente para pessoas com intenções maliciosas acharem a criança.” (pp. 32-33)

Naturalmente, a partir do momento em que os pais partilham informações como o local onde a criança se encontra e mostram o dia-a-dia da criança, isto pode dar margem para raptos e perseguições das crianças (Oliveira da Silva, 2022), como se constata: “76% of kidnappings and 90% of all violent crimes against juveniles [are] perpetrated by relatives or acquaintances,” indicates that personal information about the location, likes, and dislikes of a child can be revealed to those who might wish to harm the child.” (Steinberg, 2017, p.849)

Seguindo este aspeto da utilização de fotografias, a alteração de imagens através de inteligência artificial também é um tópico a destacar. Exemplo disso é a criação de um vídeo com imagens de uma criança de 9 anos, onde através da *deepfake*, um programa utilizado para manipular a imagem e o som de uma pessoa através de inteligência

artificial, conseguiu-se transformar a mesma na sua versão adulta, tendo como objetivo, alertar para o excesso de informações que é partilhado nas redes sociais *online*. (G1, 2023)

Consequentemente, este excesso de informação acaba por dar à criança desde o início da sua vida uma identidade digital criada pelos pais que dita o presente e o futuro da sua própria pegada digital, representando um problema, na medida em que, os pais tornam-se “(...) narradores da vida das crianças, sem nenhum consentimento” (Santos & Edler, 2022, p.857). Isto provoca uma dificuldade nas crianças em encontrar a verdadeira identidade quando chegam à era da adolescência, sendo que, estes se encontram preocupados em relação a: “(...)impressions they leave on peers as they are spending more time with friends at the expense of their time with parents. Consequently, adolescents carefully consider how they present themselves online and what they do or do not share with others”. (Verswijvel et, al., 2019, p.2).

Estes fatores mencionados e, especialmente, a questão do *cyberbullying* podem levar, previsivelmente, a consequências psicológicas, emocionais e físicas nas crianças, como a falta de vulnerabilidade, falta de autoestima na sua imagem, um problema na formação da sua identidade tanto no meio digital como na sua vida (Vieira, 2022), e até depressão, pois, se as informações postas pelos pais forem alvo de bastante partilha, as sequelas psicológicas podem fazer parte do resto da vida da criança devido ao *bullying* existente, afetando a criança em vários níveis que “(...) tomará como verdade as opiniões que recebe de terceiros no meio digital, e crescerá com a necessidade de aprovação dos outros para que possa obter um falso sentimento de satisfação e felicidade, podendo gerar também dificuldades na interação social, pois cria-se uma confusão sobre o ambiente real e virtual.” (Oliveira da Silva, 2022, p. 25)

Estes fatores podem originar, em consequência, uma má relação entre os pais e as crianças, pois, é importante que sejam as crianças a criar a sua própria pegada digital para não ter de passar por estes problemas, sendo que estas têm o direito à sua privacidade, à sua imagem e a construir a sua própria identidade digital, e não uma criada pelos pais.(Steinberg,2017)

Outros problemas que o meio digital pode originar na vida da criança devido a informações excessivas partilhadas pelos pais são as questões de *Grooming*, de *Happy Slapping* de *sexting*, de *sextortion*, de pornografia vingativa, (Vieira, 2022), de pedofilia, e de adultização precoce (Carvalho, 2023), sendo que o *Grooming* é caracterizado por uma utilização de formas por parte de um adulto “(...) para ganhar a confiança de uma

criança ou adolescente, a fim de, abusá-la ou explorá-la sexualmente. (Lombardi & Júnior, 2022, p. 1007) e o *Happy Slapping* definido pela “(...) gravação do indivíduo sendo agredido fisicamente, para ser transmitido em redes sociais.” (Lombardi & Júnior, 2022, p. 1007). Estes dois conceitos levam à questão de *sexting*, neste caso é bastante perigoso, sendo que é “O envio e a divulgação de conteúdos sexualmente explícitos, como imagens ou vídeos, através de mensagens de texto, câmaras fotográficas digitais, webcams, smartphones ou redes sociais” (Vieira, 2022, p.33) e, pode vir a originar pornografia infantil e casos de pedofilia.

Os casos de pedofilia são bastante problemáticos, no sentido em que há uma partilha de imagens com teor sexual das crianças e, conseqüentemente, uma chantagem emocional feita por pedófilos, o chamado *sextortion*, como se constata: “(...) utilizam tais informações pessoais obtidas online para chantagear as vítimas, fazendo com que estas produzam mais conteúdos, caracterizando a pornografia infantil, e envolvendo em comportamentos sexuais ou a compartilhem imagens íntimas, para alimentar sites sujos ou comercializando em redes privadas.” (Carvalho, 2023, p.19).

É, igualmente, importante abordar a pornografia vingativa e a adultização precoce, sendo que, de acordo com Smahel e Wright(2014), como citado em Vieira (2022), a pornografia vingativa é “(...)o fenómeno ocorre também na faixa etária dos 9 aos 16 anos, tendo as crianças inquiridas mencionado ter conhecimento de incidentes que envolviam os seus pares a partilhar imagens de natureza sexual dos parceiros românticos anteriores, como forma de vingança.”. (p. 35).

Já a adultização precoce é definida por um “(...) fenómeno social caracterizando o abandono ou o fim da infância e que auxilia na desconstrução dos seus próprios direitos exigindo uma postura amadurecida precocemente e a vivência está sendo modificada constantemente.”(Rocha & Ferreira, 2023, p.105), sendo uma consequência mais advinda da parte dos pais, que marcam uma separação da infância das crianças através de “ (...) salão e concursos de beleza, mídias televisivas, semelhança entre gostos de adultos, como roupas da moda, músicas e filmes, exibição na internet e a maneira de falar (...)” (Rocha & Ferreira, 2023, p. 104). Isto é problemático, no sentido em que os pais expõem os filhos através do meio digital, e, conseqüentemente, estes estão sujeitos aos vários riscos já constatados, pondo-os preocupados a lidar muito cedo com problemas que não deveriam estar a lidar, “(...) prejudicando a infância, a fase de se autodescobrir e a formação de si mesmo podendo se tornar futuramente um adulto fragilizado.” (Rocha & Ferreira, 2023, p.100)

Plano de Investigação e Métodos

3.1. Objeto de Estudo e Objetivos de Pesquisa

De forma a responder-se às várias questões de pesquisa acima mencionadas, o objetivo desta dissertação é a análise das várias percepções, representações, padrões e comportamentos dos pais portugueses em relação ao *(over)sharenting*, sendo focado na rede social *online Instagram*. Para tal, decidiu-se concentrar o estudo em 16 pais portugueses que partilhassem informações no *Instagram* das crianças, sendo eles, 7 homens e 9 mulheres, especificamente entre os 20 e o 50 anos, que é uma faixa etária predominante na rede social *online Instagram*, onde se poderá verificar características diferentes, como a idade, o género, a profissão, a localidade, a escolaridade, o estado civil e o número de filhos, como constatado no Quadro 1, que se encontra no Anexo B, de forma a garantir uma diversidade na amostra, e a perceber se as questões de género, de classe social, de idade e de qualificações educacionais justificarão a existência do *(over)sharenting*.

Os participantes neste estudo foram selecionados através da conta pessoal de *Instagram* da entrevistadora, através de um *instastorie*, onde se abordou a temática e a necessidade de 16 pais que utilizassem o *Instagram* e partilhassem informações das crianças, o que demonstrou uma maior facilidade para se encontrar participantes. Também se utilizou a parte das mensagens diretas a páginas de pais que têm páginas públicas e partilham publicações sobre as crianças, e uma publicação no *Reddit* que também foi importante para se encontrar uma seleção mais diversa de entrevistados.

De forma a chegar-se à análise dos comportamentos e das percepções dos pais, decidiu-se utilizar o método das entrevistas, pois é um método qualitativo que permite “(...) extrair daquilo que é subjetivo e pessoal do sujeito e pensarmos numa dimensão coletiva, nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem ou se estabeleceram no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa ou participou, em um determinado tempo e lugar.” (Batista, Matos & Nascimento, 2017, p. 4-5) Para tal, de forma a garantir entrevistas mais ricas e detalhadas, onde as várias opiniões dos pais em relação ao *(over)sharenting* são investigadas, decidiu-se optar pela metodologia *Social Media Scroll Back*, que junta, precisamente, a entrevista composta por questões específicas desenvolvidas num guião formulado pela investigadora e

permite uma análise mais pessoal e subjetiva aquando se entra no perfil pessoal da conta da rede social *online* escolhida, o *Instagram*.

A composição do guião da entrevista (Anexo C) foi desenvolvida de maneira a que todos os pontos fundamentais fossem tocados nas várias questões, como se verifica no modelo analítico com dimensões e operacionalização do conceito de *(over)sharenting* realizado (Quadro 2- Anexo D), sendo estes pontos: a caracterização sociodemográfica dos pais e dos filhos, que é importante para compreender o contexto familiar e as diferentes fases de desenvolvimento das crianças; a frequência da partilha de conteúdo, que é fundamental para medir a intensidade do comportamento do *(over)sharenting*; o conteúdo da partilha, que permite identificar os tipos de conteúdos partilhados e esclarece as circunstâncias que motivam a partilha, e as motivações para a utilização do *Instagram* para a partilha de conteúdos que permite explorar as razões subjacentes ao comportamento do *(over)sharenting* e acede às emoções e sentimentos associados à partilha.

Para além disto, é desenvolvido, igualmente, os impactos percebidos nas crianças, que tem por base os seguintes pontos: avaliar a consciência e preocupação com as implicações a longo prazo, investigar a perceção de invasão de privacidade, analisar a perceção dos pais sobre a influência na identidade digital das crianças, explorar possíveis conflitos e tensões familiares, e, refletir sobre a preocupação com o futuro emocional das crianças.

A gestão da privacidade, também, permitirá investigar as configurações de privacidade dos pais, examinar o nível de anonimato ou exposição, explorar a composição da audiência, avaliar a conscientização sobre privacidade, explorar as técnicas de limitação de público, investigar o processo de decisão familiar, examinar se existem diretrizes claras para a partilha, avaliar a perceção dos limites de partilha, investigar experiências passadas e arrependimentos, explorar a incerteza e o processo de decisão, e, avaliar o nível de conhecimento sobre os perigos *online*.

Já o envolvimento e feedback dos utilizadores do *Instagram* permitirá analisar o tipo de conteúdo que gera mais engajamento, examinar a natureza do feedback recebido, explorar as reações negativas e possíveis causas, avaliar a resposta emocional e comportamental aos comentários negativos, examinar as reações positivas e possíveis causas, avaliar a resposta emocional e comportamental aos comentários positivos, e investigar se o feedback recebido influencia o comportamento de partilha.

3.2. A Metodologia *Social Media Scroll Back*

Tendo em conta estes aspetos em cima referidos, o método escolhido como o mais adequado é o *Social Media Scroll Back*, um método qualitativo, que, apesar de recente, integra “(...) os fundamentos filosóficos subjacentes às orientações de uma investigação.” (Cardoso & Coelho, 2021, p.142), definindo-se pelo trabalho entre o entrevistador e o entrevistado, onde ambos fazem uma retrospectiva do historial de publicações pela rede social *online* escolhida, onde o objetivo é “(...) to attend more closely to the temporal dimensions of sustained use, uncovering the archival nature of sites’ timelines, and investigating changes in disclosure practices over time.” (Robards, 2019, p.3).

Apesar do *Social Media Scroll Back* ser constituído por duas formas de análise, o *Long Narrative Scroll Back* e o *Short Snapshot Scroll Back*, a forma de análise escolhida para esta dissertação é o *Short Snapshot Scroll Back* que é constituído por três passos essenciais para análise: “(...) (1) pre-interview preparation, (2) the scroll back, and (3) the collection of screenshots.” (Robards, 2019, p.7), sendo que, na primeira parte, há uma preparação para a entrevista e para a análise do *scroll back*, onde os entrevistados são notificados pelos entrevistadores que as entrevistas serão constituídas pela análise de retrospeção do historial das redes sociais *online*.

Na segunda parte, conhecida por *Scroll Back*, será necessária a participação dos dispositivos dos participantes, onde são estes a aceder às suas próprias redes sociais *online*, neste caso, às suas contas de *Instagram*, e a refletir sobre as suas próprias publicações, e, na terceira parte, o *collecting screenshots*, o objetivo é de ter uma recolha de *screenshots* das várias publicações, onde é o participante a enviar aos entrevistadores. Para tal, os participantes são informados que ao participarem vão ter as suas publicações e as entrevistas protegidas, sendo que a recolha das mesmas será de forma anónima com “(...) names, faces, hastags, and locations blurred out.” (Robards, 2019, p.9), para que estes se sintam confortáveis para a partilha e para que seja eticamente aceite, sendo dado, também, a opção de não quererem fornecer nenhum *screenshot*.

3.3. A Escolha do *Instagram* como Fonte de Análise

Numa primeira instância, a rede social *Facebook* seria a escolha mais óbvia para o estudo deste tema por ser uma das redes sociais *online* mais utilizada pelos pais, como

constatado por Haslam, Tee & Baker (2017): “Results indicated that parents endorsed Facebook, parenting websites and blogs as the most frequently used social media sources” (p.2027), por ser “(...) a very easy platform to dealing with new or difficult challenges associated with their children(...)” (Brosch, 2016, p.225), e, por se ter constatado que mais de 90% dos pais que utilizavam, em 2017, o *Facebook*, eram pais que partilhavam informações e fotografias sobre os filhos *online*. (Moser, Chen & Schoenebeck, 2017).

No entanto, o *Instagram*, lançado a 6 de Outubro de 2010, foi a rede social *online* escolhida para análise devido às suas várias vantagens para o utilizador e a vários motivos, sendo um deles, o facto de, em estudos mais recentes, comparando o *Facebook* e o *Instagram*, a rede social *online* que se encontra numa fase de crescimento de utilizadores em Portugal é o *Instagram* (Rosa, 2024), como se constata na Figura 4 do Anexo A.

É através da Figura 5 do Anexo A que se verifica que a utilização das redes sociais *online* muda bastante de acordo com as várias faixas etárias, sendo que, focando no *Facebook* e no *Instagram*, a rede social *online* mais utilizada entre os 18 e os 34 anos é o *Instagram*, onde “(...) o Facebook atrai apenas cerca de 9% dos utilizadores desta faixa etária, evidenciando uma clara alteração nas preferências das audiências mais jovens.” (Rosa, 2024), e, é a partir dos 45 anos que a população portuguesa usa mais o *Facebook*.

Contudo, e, analisando os seguintes gráficos (Figuras 6 e 7- Anexo A), conclui-se que, apesar do *Facebook* ser a rede social *online* mais utilizada pelas pessoas a partir dos 45 anos, esta encontra-se a perder utilizadores gradualmente, e, segundo Rosa (2024), é no *Instagram* que se consegue observar “(...) um crescimento dos utilizadores ativos em todos os grupos etários ao longo dos últimos seis anos. Destaca-se o grupo com mais de 55 anos, que, curiosamente, apresenta o maior crescimento percentual.”, tendo os pais, indubitavelmente, também a utilizar, cada vez mais, o *Instagram*.

Para além destas constatações, o *Instagram* é considerado “(...)the biggest photo and video sharing platform.”(Fuciu, 2019, p.57), sendo para os pais uma ótima forma de recolher memórias e ajudar na organização da narrativa familiar: “I struggled with the right way to organize it, and I eventually turned to social media as a way to document our family narrative. I prefer Instagram because the purpose of my account is to create a tangible photo album (...) (D’Amico, 2022, p. 12), assim como, obter uma maior facilidade para a interação, conexão social e partilha entre qualquer pessoa, em qualquer

lado, e, em pouco tempo, oferecendo formas de aumentar a visibilidade de publicações e a interação consequente entre as pessoas através de *likes*, comentários e partilhas devido à utilização de *hashtags*, de palavras-chaves, ou de localização, existindo uma maior facilidade em encontrar conteúdo mais específico.

Destaca-se, igualmente, segundo Fuciu (2019), o facto do *Instagram* permitir um maior nível de engajamento relativamente às outras redes sociais *online*, pois “(...)the visual aspect and nature of Instagram usually leads to a larger level of engagement from the users. The combination of colours movement and sounds, leads to likes, comments and re-posting from the great majority of Instagram users.” (p. 59), e, para além disso, também conta com uma característica única que é a questão da privacidade, onde “A user can set its privacy preferences to whom his/her post only can be looked by his/her followers. When the others users want to follow, they require approval from the user to be his/her follower.” (Handayani, 2016, p.322), permitindo uma maior privacidade e segurança.

Com isto, esta rede social *online* promove a vantagem de se poder aplicar o método *Social Media Scroll Back*, pois, permite uma análise ao historial dos utilizadores através das várias publicações em formato de vídeo ou fotografia, *reels*, *igtv* e *instastories*, que podem ser guardados em categorias na página do utilizador, permitindo com que os utilizadores e participantes desta análise sigam “(...) the process of analysing their own digital traces and reflecting on changes in their own disclosure practices over time (...)”(Robards, 2019, p.3), e possibilita uma análise às interações com os seguidores de cada utilizador, através de comentários, *likes* e partilhas, o que é bastante útil, pois, permite uma análise ao envolvimento e *feedback* das pessoas em termos métricos em relação às várias publicações, facultando, uma investigação mais exclusiva, inovadora e distinta aos pais que utilizam o *Instagram* das já feitas anteriormente aos pais que utilizavam o *Facebook*.

3.4. Ética na Pesquisa Qualitativa

A questão da ética é uma dimensão crucial relativamente ao desenvolvimento de uma investigação, onde os princípios fundamentais para esta boa conduta são a responsabilidade, a honestidade, a fiabilidade e rigor, a objetividade, e, a integridade. (ISCTE, 2016, p.3) De forma a manterem-se estes princípios nesta investigação, o consentimento é bastante importante, sendo que os entrevistados devem estar seguros

para aceitarem ser entrevistados, e, para tal, devem ter bastante salientes a seguinte informação:

(1) objetivos gerais do estudo, tempo estimado e características gerais da sua participação; (2) direito a recusar participar no estudo, e a interromper a participação em qualquer momento; (3) eventuais riscos, desconfortos ou outros efeitos adversos associados à participação; (4) eventuais benefícios associados à participação; (5) eventuais limites à confidencialidade (...); (6) incentivos à participação, quando houver; (7) quem contactar no caso de desejar fazer perguntas ou comentários sobre o estudo. (ISCTE, 2016, p.4)

Estas informações serão essenciais no desenvolvimento da pesquisa, pois o *(over)sharenting* é um tema bastante delicado, deve ser bem explicado para que os entrevistados se sintam confortáveis para responder e desenvolver as várias questões mais pessoais, pois: “Others users may “overshare” on social media, or publicly post details of their lives that they might be unwilling to discuss in person with a researcher.” (Robards, 2019, p.10), e, para além disto, a privacidade dos entrevistados é bastante importante. Para tal, não se irá fornecer mais dados do que os que realmente são necessários, sendo estes fornecidos de forma anónima com o objetivo de proteger e de confidenciar a identidade do entrevistado.

Como o método *Social Media Scroll Back* pretende uma análise ao historial dos pais de publicações no *Instagram*, para além dos entrevistados terem a opção de não aceitarem a análise às suas publicações, quem aceitar, será sempre respeitado e terá as suas publicações anónimas e com as caras completamente desfocadas, o que será vantajoso para os pais entrevistados, porque irá oferecer uma maior sensação de segurança, de liberdade e de escolha, e, permitirá uma obtenção de respostas mais sinceras, sem serem pensadas e estruturadas de acordo com o aceitável da sociedade para se compreender de forma mais verdadeira as perceções dos pais ao *(over)sharenting*.

Sendo assim, será sempre necessário que todas as informações dadas pelos entrevistadores sejam claras para os entrevistados para não haver desentendimentos e que se consiga alcançar os objetivos definidos. Portanto, e, para tal “Researchers must engage in conversation with their participants to make sense of the participants’ digital traces together.” (Robards, 2019, p. 10), e, para responder às várias questões organizadas pelo entrevistador.

CAPÍTULO 4

Resultados

4.1. Apresentação de Resultados

Após a concretização das entrevistas e das transcrições das mesmas (Anexo F), os dados foram analisados e codificados *a posteriori* através da utilização do *software* MAXQDA (2022), o que permitiu um melhor entendimento das respostas dos pais e o que está por detrás das suas partilhas sobre as crianças na rede social *online* *Instagram*.

Para se apresentarem os resultados, este capítulo será dividido em diversas partes devido às várias codificações feitas, sendo estas apresentadas a cores no Anexo E, de forma a perceber-se as respostas associadas a cada entrevistado, e, a constatar-se mais facilmente os vários resultados.

4.1.1. Caracterização Sociodemográfica dos Pais Entrevistados

Relativamente à caracterização dos pais, a questão de género é uma questão bastante interessante e que pode responder a várias questões de pesquisa previamente colocadas. Como se pode observar no Quadro 3 do Anexo E¹, entrevistou-se sete homens e nove mulheres, pois, no que toca à partilha nas redes sociais *online*, nomeadamente, no *Instagram*, constata-se que, existem, maioritariamente, utilizadores femininos.

Relativamente à questão da idade, a faixa etária sublinhada *a priori* seria entre pais mais novos e pais velhos. Visto que a procura por pais mais velhos foi mais complicada do que se esperava, concentrou-se numa faixa etária entre os 20 e os 50 anos, onde predominou pais entre os 30 e os 39 anos nesta pesquisa. Então, de forma a existir uma comparação da caracterização dos pais pela idade, decidiu-se dividir a faixa etária entre pais mais novos, sendo estes com uma idade até aos 34 anos, e mais velhos com uma idade a partir dos 35 anos. Com isto, pode-se caracterizar, através do Quadro 4, dez pais entrevistados como mais novos, e os restantes seis pais como mais velhos.

Desenvolvendo a caracterização dos pais em relação ao grau de escolaridade pode-se constatar, através do Quadro 5, que existem onze pais entrevistados que têm um grau de escolaridade mais baixo, que se considerou até 12ºano, por ser visto como o grau de escolaridade que, nos dias de hoje, é o obrigatório, e, cinco pais que têm um grau de escolaridade mais elevado, isto é, tudo o que vem depois do 12ºano. Neste caso,

¹ Todos os quadros referentes à codificação encontram-se no Anexo E.

também se pode desenvolver que o grau de escolaridade mais baixo é associado a cinco homens e a seis mulheres, onde três homens e uma mulher têm o 9ºano, e os restantes têm o 12ºano, e o grau de escolaridade mais elevado está associado a três mulheres e a um homem, onde todos possuem uma licenciatura.

No que toca a caracterização dos pais pelo estatuto profissional, pode-se verificar, no Quadro 6, que seis pais têm um estatuto profissional mais elevado, e, os restantes dez pais têm um estatuto profissional mais baixo, e, relativamente ao número de filhos, constata-se no Quadro 7, que existem treze pais que têm somente um filho, e três pais que têm dois filhos.

4.1.2. Caracterização Social dos Filhos dos Entrevistados

Relativamente à idade dos filhos, como se pode constatar através do Quadro 8, existem cinco filhos considerados mais velhos a partir dos 10 anos, que variam entre os 12 e os 15 anos, e, existem treze filhos considerados mais novos, com idades que variam entre os 5 meses e os 9 anos, sendo que, cinco filhos têm um grau de escolaridade mais elevado, especificamente quatro meninos e uma menina, que variam entre o 7ºano e o 10ºano de escolaridade, e existem onze crianças que têm um grau de escolaridade mais baixo, variando entre o berçário e o 4ºano, sobrando duas crianças, que por serem mais novas, ainda não têm grau de escolaridade.

4.1.3. Frequência da Partilha dos Pais Entrevistados

Relativamente à frequência das publicações sobre as crianças pelos pais entrevistados no *Instagram*, podemos conferir, através do Quadro 10, que sete dos pais entrevistados partilham mais de cinco vezes por mês, isto é, com alta frequência, sendo que os E7 (M,40), E10 (F,24) e E16 (F, 34) partilham mais vezes nos *stories* do que no *feed* do seu perfil, como relata o E16 (F, 34): “Partilho com bastante frequência, acho que é sempre dia sim dia não, mas há mesmo semanas que partilho todos os dias, normalmente partilho dia sim dia não na parte do feed e nos stories partilho todos os dias alguma coisa sobre ela. Mas também depende, pode ser muitas coisas sobre ela, como ser só uma fotografia.”

Para além disto, o E7 (M,40), partilha entre três a cinco publicações por mês, que é considerado uma frequência média, sendo que este indica que depende muito do conteúdo que tem para partilhar: “É assim, é difícil dizer a frequência porque se for

durante a época desportiva dele, normalmente, são mais vezes porque publico mais vezes para o apoiar e mostrar os jogos deles, mas no geral, diria semanalmente.”

Com os restantes dez entrevistados, a frequência da partilha é considerada baixa (uma a duas publicações por mês), sendo que existem entrevistados, os E2 (F,39) e E4 (F,34) que publicam o mínimo possível, partilhando 1 a 2 vezes a cada 6 meses.

Para além destas observações, é possível reparar que, dentro dos entrevistados, existem mais mulheres a partilhar com mais frequência no *Instagram*, mas, também são estas que partilham com menos frequência.

4.1.4. Tipos de Conteúdo partilhados pelos Pais

Relativamente aos tipos de conteúdo, pode-se constatar, através do Quadro 11, que todos os entrevistados, tanto homens como mulheres, à exceção dos E2 (F,39) e E4 (F,34), partilham momentos com os seus filhos do dia-a-dia, mas, também há uma tendência para a partilha de marcos e de eventos especiais, sobretudo, pelas mulheres, sendo partilhas sobre aniversários das crianças, objetivos alcançados na escola, festas, dias especiais, concertos, o Natal, e o crescimento e desenvolvimento das crianças mais novas, como refere o E4 (F, 34).

Os E1 (M,47), E3 (M,36), E9 (M,34) e E14 (M,32) já partilharam informações pessoais como a localização e a intimidade das crianças, demonstrando, assim, que são mais os homens que partilham mais informações pessoais sobre as crianças. No entanto, tanto o E1 (M,47) como o E14 (M,32) já não têm essas fotografias no seu perfil, pois o E1 (M,47) foi bloqueado pelo *Instagram* quando houve essa publicação: Houve um dia que partilhei uma foto dos meus filhos na praia, esta aqui... e o Instagram bloqueou porque apareceram os mamilos das crianças.” (Figuras 8 e 9).



Figura 8: Retirada do perfil do E1



Figura 9: Retirada do perfil do E1

4.1.5. Tipos de Contextos Para a Partilha de Publicações sobre as Crianças

Existe, também uma tendência para uma maior partilha de publicações sobre as crianças por um total de treze pais, num contexto do dia-a-dia, onde para o E9 (M,34) a partilha surge sempre em “Em contextos de euforia, de realização pessoal, como já tinha dito, em contextos de alguma ponderação, porque estamos a falar de exposição seja ela de menores ou seja minha privada.”, mas, para o E14 (M,32), a partilha surge num contexto do dia-a-dia, mas para relembrar mais a saudade que tem dos filhos, por se encontrar fora do país.

Para sete pais entrevistados, com uma inclinação para as mulheres, o contexto da partilha surge em contextos mais especiais como marcos das suas vidas e dos filhos e eventos mais especiais, como refere o E4 (F, 34): “Partilho em momentos mais especiais, como o aniversário, o natal, dia da mãe, dia do pai, simplesmente para marcar e ficar marcado aquela dedicatória, por ficar para sempre na Internet, supostamente.”. (Figura 10)



Figura 10: Retirada do Perfil do E4

Para o E7 (M,40), faz sentido, igualmente, publicar em dias mais específicos, porque este utiliza o *Instagram* como forma de demonstrar o talento do seu filho para o futebol e como forma de o apoiar: “A partilha surge em marcos mais especiais do meu filho na vida profissional dele porque são conteúdos que têm mais a ver com ele, que tem a ver com a vida profissional dele.”

4.1.6. Questões de Sensibilidade e Privacidade

Em termos de sensibilidade, o tipo de conteúdo foi dividido entre baixa sensibilidade, isto é, momentos mais gerais do dia-a-dia, sensibilidade média, caracterizado por marcos, e, alta sensibilidade, caracterizado por identificadores mais completos, questões de saúde e momentos mais emocionais, como se constata no Quadro 12.

Com esta informação, pode-se identificar uma maior inclinação para uma baixa sensibilidade, onde doze pais preferem partilhar momentos mais quotidianos, onde existe um sentimento de felicidade ao redor, como refere o E1 (M, 47): “Normalmente, partilho quando acontece algo aqui por casa, ou simplesmente, porque estamos felizes

ou a fazer alguma coisa gira com os pequenos.”, e, o E3(M,36) partilha em “(...) dias na escola, concertos que ela gosta, parques, momento em que ela está feliz.”

Existe também um número elevado de pais entrevistados, dez, que partilham marcos sobre os filhos, mais partilhado por mulheres, que é caracterizado por uma sensibilidade média, como por exemplo:“(...)só partilho no aniversário ou quando há algum acontecimento mais especial onde se tire fotografias de ambos que ficou muito gira, como uma viagem, uma ida a um museu.” (E2,F,39), e, dois pais, os E1 (M,47) e E3 (M,36) que já partilharam momentos considerados de alta sensibilidade, momentos que podem ser considerados mais problemáticos.

4.1.7. Motivação para a Partilha sobre as Crianças

Relativamente às motivações para a partilha sobre as crianças, estas foram divididas em quatro categorias: identidade/autorrepresentação, conexão social, manutenção da memória e validação social, sendo que se reconhece que a manutenção da memória é a motivação primária de todos os pais entrevistados, como se destaca no Quadro 13.

É segundo o E1 (M,47) que se consegue obter uma perspetiva de um pai que mora no estrangeiro e que utiliza o *Instagram* como forma de manter as memórias, mas também de as dar aos familiares e amigos que este tem: “Como moramos no estrangeiro só partilho para a família e para os nossos amigos acompanharem um pouco a nossa vida aqui e o crescimento dos miúdos. Como tal, gostamos de manter o Instagram como um diário”, como se vê na Figura 11. Sendo assim, como refere o E6 (F,33), as redes sociais funcionam como “guardadores do tempo”, o que justifica a tendência para esta motivação.



Figura 11: Retirada do Perfil do E1

A conexão social também é um dos motivos mais abordados, sendo que, dos quatorze pais entrevistados são mais as mulheres que têm esta motivação para a partilha. Estes referem que é uma forma dos familiares que estão no estrangeiro, ou que não estão tantas vezes, de terem algo para recordar, mas, é através do E16 (F,34) que temos outro ponto de vista. Esta utiliza o *Instagram* como forma de demonstrar a sua vida de

mãe a outras mães, dar opiniões sobre como está a ser a sua jornada de mãe, de dar dicas, falar sobre as dificuldades existentes durante a gravidez e pós-gravidez, ajudando outras mães que estejam a passar pelo mesmo processo, dando apoio emocional, e oferecendo, igualmente, uma maior conexão social.

A validação social também é uma motivação abordada, sendo que somente três entrevistados é que mencionam tal, como se pode constatar no E15 (F, 33): “Porque acho que tenho de partilhar, não sei, e porque gosto de partilhar.”, e, sete dos entrevistados também mencionam a motivação de identidade e autorrepresentação, no entanto, é o E3 (M,36) que refere que utiliza o *Instagram* para mostrar aos outros algo como refere: “E também gosto de mostrar que gosto de estar com ela e que temos aqueles nossos momentos juntos.”

4.1.8. Emoções dos Pais Entrevistados Associadas à Partilha

Ao longo das entrevistas foi-se reparando que, em muito dos discursos dos pais entrevistados, existia inúmeras emoções: positivas, neutras e negativas, quando se falava nas partilhas no *Instagram*, e, para tal, decidiu-se também demonstrar as diferenças existentes nestas emoções.

Como se constata no Quadro 14, todos os pais entrevistados referem, ao longo das várias respostas, sentimentos positivos quando falam da partilha das crianças no *Instagram*, dando como exemplo: “(...) o que partilho faz-me sentir nostálgica porque como já tenho publicações desde que percebi que estava grávida, faz-me relembrar o processo todo da gravidez, até agora, que ela já tem 6 meses, e faz-me sentir feliz ver estes momentos todos que já vivemos.” (E16, F, 34). Estes sentimentos tanto são de felicidade, como de orgulho, como refere o E14 (M, 32).

Para além dos sentimentos mais positivos, existem oito pais entrevistados que têm emoções mais neutras nos seus discursos, como é o exemplo do E4 (F, 34): “Olha repararam, é essa a minha reação. Não ligo nada, não me diz nada mesmo, reparo mais se forem publicações relacionadas comigo, por exemplo, os meus anos, de resto é igual.”, e, quatro dos pais entrevistados sentem emoções mais negativas em relação à partilha como receio e medo, como se constata: “Às vezes tenho receio e medo por partilhar muito sobre a minha filha online devido às coisas que uma pessoa vai vendo que acontece aos outros, e pensamos que nunca acontece a nós, mas não podemos pensar sempre no pior.” (E11, F, 29)

4.1.9. Impacto Percebido nas Crianças

Em relação ao impacto percebido nas crianças, pode-se reconhecer, através do Quadro 15, que, numa forma geral, os pais avaliam o impacto como positivo, onde as publicações feitas são para criação de memórias e para uma maior conexão social com os seus familiares, e associam sempre as suas publicações a emoções de felicidade. No entanto, os E1 (M, 47), E3 (M, 36), E7 (M, 40), E9 (M, 34) e E14 (M, 32) apresentam invasões de privacidade em publicações partilhadas sobre as crianças, que num futuro podem causar constrangimento, existindo, assim, uma tendência para os homens partilharem conteúdos que causam constrangimento.

Para além disto, os E2 (F,39), E8 (F,23) e E12 (F,33), ou seja, três mulheres, já tiveram conflitos com outras pessoas por não respeitarem as regras familiares impostas pelos pais, como é o exemplo do E2 (F,39): “Sim, surgiu uma vez com o pai dele, por partilhar fotografias em que ele se encontrava na banheira, e por não me ter perguntado antes se podia, porque acho esse tipo de fotografias inapropriadas para serem partilhadas.”

4.1.10. Influência na Construção Digital

Uma das questões colocadas ao longo das entrevistas era se os pais entrevistados achavam se existiria influência na construção digital das crianças por eles partilharem sobre elas nas redes sociais *online*, e, averiguou-se que todos os entrevistados, à exceção do E7 (M, 40) responderam que não existia influência. Este menciona que acha que possa existir algum tipo de influência, mesmo que seja algo que não é propositado: “Vai influenciar sempre, não é o meu objetivo, mas vai influenciar sempre. No caso dele vai, porque muitos dos seguidores dele são meus seguidores, e a nível de visibilidade pode afetar, e podem comentar coisas dos meus filhos que ele pode não gostar, ou assim, não sei.”

4.1.11. Gestão da Privacidade

A alteração de configurações e a gestão da privacidade é um assunto bastante importante na medida em que percebemos, através do Quadro 16, as estratégias e as considerações que os pais usam para gerir a privacidade dos filhos quando publicam nas redes sociais *online*.

Em termos de seguidores, dez pais entrevistados constataam que só têm amigos e família como seguidores, sendo que seis são mulheres, e os seis restantes afirmam que

qualquer pessoa, incluindo desconhecidos, família e amigos, tem acesso ao seu perfil no *Instagram*, sendo que, segundo o E6 (F,33), muitas das vezes é algo que não é pensado quando coloca publicações sobre a sua filha *online*. No entanto, muitos dos pais que têm diversos seguidores referem que os desconhecidos que têm a seguir nas suas redes sociais são pessoas de amigos em comum, como refere o E15 (F,33), que muitos dos desconhecidos que o possam seguir sabe quem são: “Vai depender muito, como fui muito tempo músico, existem muitas pessoas que vão lá rever os meus trabalhos, mas sim maior parte são pessoas que sabem quem eu sou, e que também tenho uma relação com elas, sei quem são, onde vivem, etc.” (E9,M,34), e, somente o E3 (M,36) admite que não conhece muita gente que o segue, sendo o único que demonstra não ter preocupação em relação a isso: “São família, amigos, e pessoas que também não conheço porque tenho a conta pública e não ligo a isso.”

Em termos de regras familiares, treze pais entrevistados, onde oito são mulheres, admitem ter algum tipo de cuidado em relação à partilha das crianças, sendo que, o consentimento entre o parceiro é algo bastante comum e o E2 (F,39) refere que tem a prática de mostrar ao seu filho o que quer partilhar e que fala sempre primeiro com ele, partilhando somente quando este concorda.

Uma das regras familiares bastante falada é a não demonstração de sentimentos, como refere o E4 (F,34) “(...) às vezes apetece-me demonstrar sentimentos, felicidade, viagens, mas não publico nada disso porque ninguém tem nada a haver com a minha vida.”, assim como a decisão de não se publicar fotografias do rosto da criança, como refere o E6 (F,33): “Nunca ponho nada sobre ela se estiver nua, não partilho birras ou momentos que possam ser embaraçosos para ela no futuro, e tento que o seu rosto não esteja 100% visível e nítido.”

Já os E3 (M,36), E14 (M,32) e E15 (F,33) não apresentam nenhuma regra familiar, nem procuram o consentimento com os pais das crianças porque deram a entender que não o acham necessário.

Relativamente às limitações para *posts* específicos, pode-se confirmar que dez pais não utilizam qualquer tipo de limitação para a partilha, enquanto seis pais entrevistados utilizam, sendo a utilização dos amigos chegados do *Instagram* muito abordada pelos pais: “Sim, quando vejo que são coisas mais específicas e mais pessoais sobre ela, partilho nas histórias dos amigos chegados, como forma de garantir mais privacidade.”

(E6,F,33), assim como a utilização da restrição para algumas pessoas: “(...) tenho a conta restrita para algumas pessoas por sentir que não quero que vejam.” (E11,F,39)

O nome próprio é utilizado por maior parte dos pais no *Instagram* (quatorze entrevistados), enquanto os E7 (M,40) e E11 (F,29) utilizam pseudônimos, ou nomes diferentes do seu nome próprio, e, relativamente à privacidade da conta, dez dos pais entrevistados têm a conta do *Instagram* privada, sendo que seis são mulheres, que o utilizam privado como forma de proteger a privacidade das crianças, e de escolher as pessoas que podem ter acesso a alguma informação sobre as crianças, como refere o E5 (M, 36). Contudo, sete pais entrevistados têm a conta pública, pois, existem pais que utilizam a sua conta como conta profissional, como refere o E7 (M,40): “É pública por causa do meu trabalho e utilizo as plataformas mais nesse sentido. Tenho duas contas de Instagram, uma mais virada para o trabalho e outra mais pessoal, mas como o meu trabalho faz parte do meu quotidiano, acabo por utilizar essa também para divulgar o meu trabalho como artista plástico.”, mas, existem, igualmente, pais que consideram que não faz diferença ter uma conta pública ou privada.

Analisando as várias conclusões a que se chegou em relação às alterações das configurações constata-se que existe uma tendência para serem as mulheres a gerirem melhor a privacidade dos filhos e a utilizarem mais estratégias de forma a proteger as crianças.

4.1.12. Tipos de Consciencialização

Em termos de consciencialização dos pais em relação à privacidade, os resultados variam bastante. No geral, destaca-se no Quadro 17, que os pais apresentam uma consciencialização alta sobre como proteger os seus filhos, têm regras familiares e utilizam estratégias para essa mesma proteção, sendo que, os entrevistados que apresentam uma maior consciencialização são do género feminino.

Para além disso, existem cinco pais que apresentam uma média consciencialização, isto é, utilizam algumas estratégias para proteger a privacidade dos filhos, mas nem sempre o fazem, como é o caso do E1 (M,47): “Normalmente eles nem sabem o que partilhamos no Instagram..”, e, em relação à baixa consciencialização, destacam-se os E3 (M, 36,EB) e o E14 (M, 32,EB), dois homens, na casa dos 30 anos, com escolaridade mais baixa (9ºano), que não pensam no que as crianças podem pensar sobre as suas publicações, como é o caso do E14 (M,32,EB): “Não penso muito nisso, como a conta é minha, eles neste momento como são crianças, só têm de aceitar aquilo

que neste momento ponho, mas também não ponho nada que ache mau. Eu ainda tenho consciência do que partilho.”. O caso do E3 (M,36,EB) é ainda mais preocupante pois, para além de não apresentar estratégias de gestão de privacidade, sem ser o senso comum, também é o que apresenta um discurso de despreocupação em relação aos perigos existentes na *Internet* e às consequências de uma partilha desmedida.

4.1.13. Envolvimento e Feedback dos Seguidores à Partilha pelos Pais

Analisando as preferências do público à partilha, a tendência para um maior envolvimento, segundo o Quadro 19, é a partilha de momentos de aniversário, sendo que, o E14 (M,32) refere: “São as publicações dos aniversários porque as pessoas gostam sempre de estar presentes nesses momentos, e como só tenho família a seguir, faz sentido ser essas publicações com mais comentários.”

Para além disto, os momentos do dia-a-dia são, igualmente, uma grande preferência para o público, onde maior parte dos pais refere que as publicações que fazem mais são sobre o crescimento, alguma habilidade nova da criança e momentos simples do dia-a-dia, sendo que o E16 (F,34) refere que os “(...) carrosséis de fotos em que partilho momentos do dia-a-dia são as que tem mais likes, como esta em que são fotografias de nós as duas, porque acredito que seja porque as pessoas se conseguem identificar.” (Figura 12)



Figura 12: Retirada do Perfil do E16

O Natal e os momentos em família também são preferências de seguidores de alguns entrevistados pois, segundo o E4 (F,34) são alturas em que “(...) as pessoas gostam de comentar mais e estar mais presentes.”, e, os marcos são somente preferidos pelo público dos E7 (M,40) e E8 (F,23), sendo que para o E7 (M,40), as fotografias com mais envolvimento são fotografias do filho a jogar futebol no seu clube, e, o E8 (F,23) refere que a preferência do público foi o anúncio da sua gravidez, que é sempre algo especial.

Relativamente aos níveis de envolvimento, segundo o Quadro 20, os E1 (M,47), E2 (F,39) e E4 (F,34) são os entrevistados que apresentam um baixo envolvimento por

apresentarem poucos seguidores e por publicarem menos conteúdo, e, os conteúdos que apresentam mais envolvimento são sempre os aniversários, e o Natal.

Para além disso, dez entrevistados apresentam um envolvimento considerado médio, onde as partilhas também são moderadas, pois, segundo o E4 (F,34): “É tudo à volta do mesmo, porque como são só partilhas das mesmas coisas como o Natal, aniversário e o dia da mãe e do pai, acabam sempre por ter o mesmo tipo de comentários e o mesmo número de likes, pois o círculo também é pequeno e é sempre o mesmo.”

Oito entrevistados têm um alto envolvimento em publicações mais especiais como anúncios de gravidez, como refere o E8 (F,23): “Foi a fotografia em que eu anunciei a gravidez porque penso que era algo inesperado por causa da minha idade e foi a fotografia do nascimento dele porque é sempre aquelas fotos que as pessoas gostam mais e de comentar mais porque são bebés.”, ou momentos mais especiais com família, como se constata com o E9 (M,34), que demonstra uma fotografia em que estão as três gerações da sua família, ele, o pai e o seu filho, por ser o dia do pai.(Figura 13)



Figura 13: Retirada do Perfil do E9

É de destacar o E16 (F,34) que tem um alto envolvimento tanto em comentários como em *likes*, por ser considerada uma influenciadora digital que partilha com bastante consistência, como refere: “Partilho com bastante frequência, acho que é sempre dia sim dia não, mas há mesmo semanas que partilho todos os dias, normalmente partilho dia sim dia não na parte do feed e nos stories partilho todos os dias alguma coisa sobre ela. Mas também depende, pode ser muitas coisas sobre ela, como ser só uma fotografia.”

Analisando o envolvimento e feedback no que toca a natureza dos comentários, pode-se constatar que nenhum dos entrevistados teve comentários negativos em nenhuma publicação feita sobre os seus filhos. Contudo, após pensarem se alguma vez tivessem algum tipo de negatividade nos seus comentários, houve entrevistados que explicaram que iriam abordar a pessoa para perceber o porquê do comentário como o E3 (M,36), que teriam de repensar nas pessoas que deixam seguir a sua página no

Instagram, como refere o E4 (F,34), e que era impossível não ficar incomodada com a situação, como refere o E16 (F,34): “Nunca aconteceu, mas sendo completamente honesta é impossível não ficar triste ou um pouco incomodada. Quando partilho algo certamente partilho porque acho algo bonito ou interessante ou simplesmente porque gosto do que estou a partilhar e se alguém tiver uma opinião contrária à minha, claramente, me vai deixar incomodada, ainda que por um breve momento.”

Os comentários para os dezasseis entrevistados são sempre positivos, onde o público enaltece as crianças, dizendo que estas estão grandes, e utilizando *emojis* mais positivos para demonstrar o carinho existente.

A existência de influência do feedback à partilha também foi questionada aos dezasseis entrevistados, e, todos responderam que não existia influência nenhuma, no entanto, o E14 (M,32) refere que partilha porque gosta “(...) de ver que as pessoas também gostam de ver como eles estão e como estão grandes.”, mostrando que poderá influenciar inconscientemente para uma maior partilha.

4.1.14. Tipos de Pais Existentes na Partilha nas Redes Sociais Online

Ao longo das várias entrevistas, o discurso dos vários entrevistados foi analisado e os vários tipos de pais foram identificados no Quadro 21: os *Instagrammers*, os não *Instagrammers*, os *Influencers* Digitais, os Protetores, os Pouco Protetores, os Preocupados, os Despreocupados e os considerados “Normais”.

Os *Instagrammers* são os que gostam de publicar no *Instagram* e que publicam bastante sobre os seus filhos, como os E10 (F, 24), E11 (F,29) e E16 (F,34), ou seja, nota-se um padrão entre as mulheres, sendo estas que publicam mais. Para além disso, as três entrevistadas identificadas têm filhos pequenos, o que as faz publicar mais por quererem demonstrar o crescimento e o desenvolvimento dos mesmos, e, os nada *Instagrammers* são que não publicam quase nada, e que têm poucos seguidores, que é o caso dos Entrevistados E1 (M,47), E2 (F, 39), E4 (F,34), E13 (M, 34) e E14 (M,32). Já o *Influencer* digital é somente um dos pais entrevistados, o E16 (F,34), que tem quase 5000 seguidores, 1208 publicações no *feed*, partilha todos os dias *stories* sobre a sua filha, tem muitos comentários e *likes* nas suas publicações, e, começou a sua jornada no *Instagram* a demonstrar as várias fases da gravidez. (Figura 14)



Figura 14: Retirada do Perfil do E16

Os pais protetores são os pais que utilizam um maior número de estratégias de privacidade para proteger os filhos, e que têm uma alta consciencialização do que partilham, que é o caso dos E2 (F,39), E4 (F,34), E6 (F,33), E8 (F,23), E10 (F,24), E11 (F,29) e E13 (M,34), confirmando que os pais mais protetores entre os entrevistados são mulheres. Pelo contrário, os pouco protetores são os pais que, apesar de poderem ser preocupados, já fizeram publicações que podem originar constrangimentos para as crianças no futuro, que são os E1 (M,47), E3 (M,36), e E14 (M,32), notando um padrão entre homens.

Os pais preocupados: E1 (M,47), E2 (F,39), E4 (F,34), E6 (F,33), E8 (F,23), E11 (F,29), E13 (M,34) e E16 (F,34) são os pais que ao longo do discurso apresentaram algum tipo de preocupação para não partilhar excessivamente sobre as crianças, e que tentam estar informados sobre os perigos *online*, sendo estes mais mulheres, e os despreocupados são os E3 (M,36), E9 (M,34) e E14 (M,32), que, apesar de saberem e terem noção do que podem partilhar nas redes sociais *online*, não se preocupam muito com estratégias para ajudar na privacidade das crianças, havendo uma inclinação para os homens.

Por fim, os considerados pais “normais” são os E5 (M,36), E7 (M,40), E12 (F,33) e E15 (M,33), que são os pais que se preocupam sobre os filhos, mas têm uma consciencialização média.

4.2. Discussão de Resultados

Assim como Shabahang et al. (2022) refere, as redes sociais *online* oferecem espaços onde os seus utilizadores conseguem partilhar conteúdos sobre a sua vida de uma forma mais simples e mais rápida, e, neste estudo confirma-se que o *Instagram* é uma rede social *online* que ajuda nesta partilha constante com os outros. Como Barnes & Potter (2021) descreve, a utilização destas ajuda os vários pais a criar uma narrativa digital, onde há uma partilha sobre as suas vidas e as das crianças, de momentos do dia-a-dia, de momentos mais especiais, funcionando como “guardadores do tempo”, como refere o E6 (F,33). Neste caso, apesar de Livingstone et, al. (2018) afirmar que são os pais mais

jovens que partilham mais vezes, neste estudo, tanto pais mais novos como mais velhos, conseguem partilhar com uma frequência alta como baixa, sendo que, são as mulheres que partilham com mais frequência.

Entre estas repara-se numa tendência para a partilha do crescimento e desenvolvimento das crianças, que, como Verswijvel et, al. (2019) refere, pode ser feita pelas várias mães, mas também pelas que tentam ser influenciadoras digitais, que neste estudo se constata pela E16 (F,34) que, para além de fazer uma partilha constante no *Instagram*, também utiliza a sua conta para falar sobre os desafios da parentalidade existentes e tentar ajudar outras mães que estão com as mesmas dificuldades.

De acordo com Steinberg (2017) os pais são os que devem proteger mais os filhos, mas também são os que, por vezes, partilham conteúdos excessivos e íntimos das crianças, e, neste estudo, também se confirmou isto, e, apesar de Brosch (2016) destacar que as fotografias mais partilhadas das crianças são de crianças nuas e seminuas, neste estudo só quatro pais de dezasseis é que partilharam fotografias mais íntimas das crianças, num máximo de duas publicações. Neste caso, foram, então, os homens que tiveram uma maior tendência para partilhar informações mais pessoais sobre as crianças, sendo que, dos quatro pais entrevistados, três têm uma escolaridade mais baixa. Isto confirma que, tal como descreve Bhroin et al. (2022), a falta de conhecimento e das consequências existentes podem ser fatores que promovem o *(over)sharenting*, confirmando que a literacia digital é crucial para proteger as crianças destas partilhas inapropriadas, como indica Barnes & Potter (2021).

Curiosamente, dois destes pais entrevistados (E3,M,36 e E14,M,32) foram os pais que mais dúvidas tiveram para responder às várias perguntas feitas ao longo da entrevista, e, que menos pensavam sobre os perigos existentes na partilha desmedida, como se vê: “Por acaso nunca pensei nisso. Sei que tenho fotos da minha filha na praia que não se deviam pôr, talvez, mas não é algo que pense ou que ache que vá dar problemas para ela.” (E3,M, 36)

No desenvolvimento deste estudo destaca-se que todos os pais entrevistados revelam que a manutenção da memória é a principal motivação existente para a partilha, e a validação social é a menos mencionada neste estudo, sendo que é mencionada de forma inconsciente, isto é, não é algo que os entrevistados admitam, mas sim que se perceba no seu discurso nas várias respostas, como se constata: “Porque acho que tenho de partilhar, não sei, e porque gosto de partilhar.” (E15,M,33).

Esta sensação de gostar de partilhar é algo frequente nos vários entrevistados, pois todos referem sentir emoções positivas, de felicidade, de bem-estar quando partilham, e, apesar de Steinberg (2017) apontar que os gostos, comentários e partilhas resultam num estímulo para a partilha pelos pais, neste caso, os pais entrevistados apontam que não existe influência no feedback do público às suas partilhas e esta positividade na partilha é uma consequência de gostarem de partilhar para os familiares, de relembrar momentos felizes, e por gostarem dos filhos.

Existem também quatro pais entrevistados que sentem emoções negativas à partilha, algo que vai contra os estudos que nos indicam a positividade em torno da partilha que refere Steinberg (2017), sendo que todos apontam receio e medo por não saberem o que pode advir da partilha, mostrando que existem pais com bastante consciencialização em relação aos perigos existentes.

Segundo D'Amico (2022), os direitos das crianças à privacidade, ao consentimento e à pegada digital são bastante importantes no que toca a partilha, e, normalmente, estas não são ouvidas e não é pedido o seu consentimento, e, apesar de todos os pais entrevistados concordarem que não influenciam a construção da identidade digital das crianças, o E1 (M,47) confirma que não pede o consentimento para a partilha dos seus filhos no *Instagram*. Apesar disto, também devido à quantidade de crianças que ainda são bebés ou muito novas e não têm forma de expressar os seus sentimentos, em todos os discursos dos entrevistados, existe uma relação bastante carinhosa entre pai/mãe e filho, o que vai contra o constatado por Steinberg(2017) que diz que pode haver uma má relação entre os pais e os filhos devido à falta destes direitos das crianças.

No entanto, mesmo sendo os pais que partilham mais vezes conteúdos inapropriados sobre as crianças, nem sempre são só os pais que podem desrespeitar a sua privacidade, e, isto confirma-se através do conflito que existiu com o E12 (F.33); “Sim, com a minha mãe por considerar que ela faz partilhas excessivas da minha filha num perfil público com muitos seguidores, e, falei com ela para ela não fazer tantas partilhas e expliquei que era pela segurança da menina.”

Embora sejam as mulheres que publicam com mais frequência, também são as mesmas que apresentaram mais estratégias para gerir melhor a privacidade dos seus filhos, e as que apresentam maior consciencialização, como é constatado por Livingstone et, al.(2018). Neste caso, são estas que têm mais atenção a ter a conta privada, a ter família e amigos como seguidores, a terem mais regras familiares e a utilizar limitações para *posts* específicos.

Esta facilidade de limitação de *posts*, segundo Barnes & Potter (2021) advém do *Instagram* que é extremamente vantajoso, pois permite a utilização dos amigos chegados para limitar certas pessoas às partilhas, como referem muito dos entrevistados: “Sim, quando vejo que são coisas mais específicas e mais pessoais sobre ela, partilho nas histórias dos amigos chegados, como forma de garantir mais privacidade.” (E6,F,33)

Segundo Livingstone et.al. (2018), existe arrependimento para a partilha por parte dos pais, no entanto, no estudo aos pais portugueses, nenhum sentiu arrependimento por partilhar algo, mas já sentiram várias dúvidas, não por acharem inapropriado, mas por terem receio de excessividade e do que as outras pessoas podem fazer: “Sim, às vezes uma pessoa quer publicar os momentos de maior felicidade, de maior orgulho, ou algum marco mas tenho receio de estar a publicar já demais, ou quando quero publicar algo sobre o meu filho que eu acho que é lindo, mas depois não quero porque não quero que o vejam.” (E4,F,34)

Apesar da existência de alguns pais a partilharem fotografias mais íntimas das crianças, todos os entrevistados referem que nunca tiveram nenhum tipo de problema como comentários negativos, mais *dislikes*, ou mesmo um algum tipo de problemas, como, por exemplo, o já mencionado *Digital Kidnapping*.

Neste estudo, observa-se um fato interessante que é a identificação dos vários entrevistados em vários tipos de pais consoante a partilha *online* e a análise das suas entrevistas, sendo que, pode-se afirmar que as mulheres são as que mais partilham, as que têm mais consciência e as que se encontram como as mais protetoras e as mais preocupadas, e são os homens que partilham com menos frequência, que gostam menos de partilhar, são menos preocupados com a frequência, e o conteúdo da partilha no *Instagram* e são menos protetores e preocupados com a partilha *online*.

Verifica-se, igualmente, que os homens e as mulheres lidam de maneira diferente ao *(over)shareting*, sendo que os homens lidam de uma forma mais leve, partilhando somente em situações mais especiais e marcantes dos filhos, enquanto as mulheres são mais preocupadas, e partilham mais para reforçar apoio e conexões familiares.

CAPÍTULO 5

Conclusão

O desenvolvimento das redes sociais *online* permitiu com que a interação, o diálogo e a partilha com os outros fosse mais fácil, e neste caso, o *Instagram* é uma rede social *online* que tem, cada vez mais, utilizadores, e, que fornece vantagens aos mesmos, sendo por estas mesmas vantagens que se decidiu utilizar o método *Social Media Scroll Back* para esta análise das perceções dos pais ao *(over)sharenting*.

Para o desenvolvimento desta dissertação, a revisão da literatura foi uma das partes fulcrais para se ter noções importantes sobre a prática do *(over)sharenting* como o conceito de *(over)sharenting*, um termo que não é conhecido pelas pessoas, a importância da literacia digital para a partilha controlada no meio digital, a importância dos direitos das crianças, os desafios da parentalidade que nos deu a perceber o lado dos pais em relação às dúvidas existentes na parentalidade e o seu interesse para utilizarem as redes sociais *online* como um apoio emocional e social, as consequências que podem advir para a relação entre os pais e os filhos e, também os perigos existentes quando existe a partilha desmedida e irrefletida de informações sobre as crianças em estudos realizados por outros autores com diferentes pontos de vista e análises.

Com o desenvolvimento e a análise dos entrevistados percebeu-se que o *Instagram* permite com que haja uma maior conexão social entre a família e os amigos, e com que estes tenham acesso ao percurso de desenvolvimento das suas crianças, utilizando como meio de manutenção da memória de momentos do dia-a-dia e de momentos mais especiais como os aniversários e o Natal, nomeadamente, pelas mães, que têm um papel difícil na sociedade. Ao mesmo tempo que tentam proteger os seus filhos, também encontram nas redes sociais *online* um apoio emocional, originando, muitas das vezes, um conflito entre desejo social e responsabilidade parental.

Apesar de muitos pais partilharem conteúdos considerados “normais”, e, apresentarem uma alta e média consciencialização, existe, igualmente, pais com menos consciencialização em relação à partilha *online*, fazendo publicações consideradas inapropriadas. Esta consciencialização mais baixa vai ao encontro com um dos pontos apresentados na revisão da literatura, a importância da literacia digital na vida dos pais, pois, constatou-se que os pais que têm uma baixa escolaridade, com uma tendência para

os homens, são cientes de alguns perigos existentes, mas acabam por relativizar a importância do conhecimento digital.

Contudo, os pais que apresentaram este desinteresse pelo conhecimento, também foram os pais que, ao longo da entrevista, foram refletindo sobre a importância e as consequências que a partilha excessiva *online* pode ter para os filhos, tendo mesmo, pais a retirarem fotografias e vídeos das suas crianças na praia, que mostravam algum tipo de nudez do *Instagram*. Isto demonstrou que mesmo que evidenciassem desinteresse e desconhecimento, a conversa com os pais e o conteúdo das questões levou a que os pais tivessem dúvidas sobre as suas partilhas, e mesmo não havendo arrependimento da partilha, começaram a pensar melhor no que partilham e no início da utilização de estratégias para gerir melhor a privacidade dos filhos, o que é bastante positivo, e um dos objetivos que se tinha com o desenvolvimento desta dissertação.

Este estudo contribuiu, então, para a existência de uma investigação sobre o *(over)sharenting* em Portugal e sobre as representações e os padrões existentes entre os dezasseis pais portugueses com características sociodemográficas diferentes, e, veio contribuir para um estudo numa rede social *online* que não tinha sido utilizada para a análise dos comportamentos dos pais no *(over)sharenting*, pois, como se referiu, a mais estudada e desenvolvida é, normalmente, o *Facebook*. Isto permite com que haja comparações entre os vários estudos e se chegue a várias conclusões sobre esta prática devido às várias perspetivas, padrões e opiniões diferentes.

Embora esta investigação seja útil para se entender as práticas dos pais ao *(over)sharenting* e responder às questões de pesquisa acima colocadas, existe uma necessidade de enfatizar que os resultados podem ser diferentes noutras pesquisas. Isto deve-se à amostra ser pequena, não podendo generalizar os resultados obtidos, e, devido aos limites do método *Social Media Scroll Back*, pois, muitas pessoas criam uma identidade nas redes sociais *online* diferente do que têm na vida real, para demonstrar aos outros uma idealização de si próprios, o que vai contra a autenticidade esperada nesta análise, e o que pode originar que as respostas dadas possam ter sido pensadas de acordo com o considerado aceitável pela sociedade e mais gerais, retirando a subjetividade de cada um.

Para além disto, como este método pretende com que haja uma análise ao historial da conta de *Instagram* do entrevistado, muitos dos pais questionados para a entrevista desistiram de participar quando foi apresentado com mais contexto o método, sendo que muitos consideraram invasivo.

Neste caso, a pesquisa tinha como objetivo analisar os comportamentos de pais mais jovens e mais velhos, no entanto, não foi possível encontrar uma maior diferença de idades devido à dificuldade de encontrar pais mais velhos (a partir dos 40 anos) e pais mais novos, pois vários pais mais velhos não usam o *Instagram* como a sua rede social *online* para a partilha e, como cada vez mais é-se pai mais velho, foi difícil encontrar pais que não ultrapassassem a casa dos 30 anos.

Futuramente, com a possibilidade da realização de mais estudos sobre o *(over)sharenting* seria interessante realizar um estudo com uma amostra maior, com maior diversidade em questão de género, idade e também de localidade, pois, seria interessante entrevistar mais pessoas que vivem, por exemplo, em aldeias, devido às diferenças do modo de vida e de pensamento, e, realizar todas as entrevistas presencialmente, pois, na realização deste estudo, os pais entrevistados desenvolviam e refletiam mais quando as entrevistas eram feitas de modo presencial, não desvalorizando os restantes pais entrevistados em modo *online*. Também seria benéfico focar um estudo no impacto da construção digital das crianças, entrevistando os mais jovens sobre esta questão, de forma a ter uma perspetiva completamente diferente do *(over)sharenting* e perceber as consequências reais que esta prática pode ter na vida das crianças.

Outras investigações interessantes seria perceber a diferença do *(over)sharenting* em crianças mais novas e mais velhas, onde se poderia analisar as diferenças sociais, comportamentais, as várias perceções e os impactos desta prática em várias fases de vida das crianças, assim, como a investigação do *(over)sharenting* através de análises de diferentes métodos como o inquérito por questionário ou estudos longitudinais onde o crescimento das crianças seria acompanhado e analisado, de forma a gerar várias comparações.

Para concluir, para que exista uma partilha controlada de informações *online* sobre as crianças, é necessário que tanto os pais como a sociedade se informem sempre sobre os assuntos, de forma a aprender quais são os perigos na *Internet*, como se utiliza as várias redes sociais *online*, quais são as estratégias de privacidade que devem ser adotadas, o que deve ou não ser partilhado *online*, e, aprender e respeitar, igualmente, os direitos das crianças, de forma a que o *(over)sharenting* seja uma prática cada vez menos realizada.

Referências Bibliográficas

- Barnes, R., & Potter, A. (2020). Sharenting and parents' digital literacy: an agenda for future research. *Communication Research and Practice*, 7(1), 6–20. <https://doi.org/10.1080/22041451.2020.1847819>
- Batista, E. C., de Matos, L. L. A., & Nascimento, A. B. (2017). A ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO NA PESQUISA QUALITATIVA. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38. <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17910/11692>
- Bhroin, N. N., Dinh, T., Thiel, K., Lampert, C., Staksrud, E., & Ólafsson, K. (2022). The Privacy Paradox by Proxy: Considering predictors of sharenting. *Media and Communication*, 10(1), 1-13. <https://doi.org/10.17645/mac.v10i1.4858>
- boyd, d. (2014). *It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens*. Yale University Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt5vm5gk>
- Brammer, E., Punyanunt-Carter, N. M., & Dufee, R.S. (2022). Oversharing on social networking sites: A contemporary communication phenomenon. *Computers in Human Behavior Reports*, 8, 1-4. <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2022.100236>
- Brito, I.M.F. (2019). *As práticas de sharenting nos sítios de redes sociais: Limites para a partilha de conteúdo online* [Dissertação de mestrado, Iscte- Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/19875>
- Brosch, A. (2016). When the Child is Born into the Internet : Sharenting as a Growing Trend among Parents on Facebook. *The New Education Review*, 43(1), 225-235. https://www.researchgate.net/publication/299601525_When_the_Child_is_Born_into_the_Internet_Sharenting_as_a_Growing_Trend_among_Parents_on_Facebook
- Cardoso, G., & Lamy, C. (2011). Redes sociais: comunicação e mudança. *E- journal of International Relations*, 2(1), 73-96. <https://observare.autonoma.pt/janus-net/janusnet/redes-sociais-comunicacao-e-mudanca/>
- Cardoso, T.M.L. & Coelho, M.F.P.M.S. (2021). O Inquérito por questionário enquanto procedimento metodológico. Em (Eds.). *Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade* 4. (pp.140- 151). [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/11555/1/Cardoso_Pestana_ATENA % 20Editora.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/11555/1/Cardoso_Pestana_ATENA%20Editora.pdf)
- Carvalho, V. S. (2023). A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NA SUPEREXPOSIÇÃO INFANTIL: UMA BREVE ANÁLISE DA ADULTIZAÇÃO PRECOCE E SUAS CONSEQUÊNCIAS [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás]

- D'Amico, E. S. (2022). *SHARENTING: A PHENOMENOLOGICAL STUDY OF SHARENTING THROUGH THE LENS OF THE PRESENTATION OF SELF* [Tese de Doutorado, Liberty University]. Digital Commons. [Microsoft Word - DAMICO Dissertation ETD \(liberty.edu\)](#)
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 16(3), 221–231. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722000000300005>
- Duek, C., & Moguillanky, M. (2020). Crianças, telas digitais e família: práticas de mediação dos pais e gênero. *Comunicação e sociedade*, 37, 55-70. <http://journals.openedition.org/cs/2301>
- Eberlin, F. B. von T. (2017). Sharenting, Liberdade de Expressão e Privacidade de crianças no ambiente digital: o papel dos provedores de aplicação no cenário jurídico brasileiro. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, 7(3), 256-273. <https://doi.org/10.5102/rbpp.v7i3.4821>
- Fuciu, M. (2019). The Rise Of Instagram - Evolution, Statistics, Advantages And Disadvantages. *Revista Economica*, 71(4), 53–63. <http://economice.ulbsibiu.ro/revista.economica/archive/71404fuciu.pdf>
- G1. (2023, julho). *Vídeo “transforma” menina de 9 anos em adulta para alertar sobre risco de exposição na internet*. <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/26/video-transforma-menina-de-9-anos-em-adulta-para-alertar-sobre-risco-de-exposicao-na-internet.ghtml>
- Gomes, S. M. (2024, maio). *O digital em Portugal em 2024: a utilização da internet e das redes sociais*. InvoiceXpress. <https://invoicexpress.com/relatorio-digital-portugal-2024/>
- Halmenschlager, T., & Schmitz, S. (2022). O FENÔMENO DO SHARENTING: UMA ANÁLISE ACERCA DA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS PERSONALÍSSIMOS DOS FILHOS, DIANTE DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO E PODER FAMILIAR DOS PAIS. *Revista UNITAS*, 7, 106-120. <https://revistas.uceff.edu.br/unitas/article/view/132/16>
- Harnum, R., & Pinariya, J. M. (2023). The effect of parents digital literacy on sharenting practices and children's privacy on Instagram. *Communicare: Journal of Communication Studies*, 10(1), 13. <https://doi.org/10.37535/101010120232>
- Handayani, F. (2015, agosto). *INSTAGRAM AS a TEACHING TOOL? REALLY?* Handayani | Proceedings of ISELT FBS Universitas Negeri Padang. <https://ejournal.unp.ac.id/index.php/selt/article/view/6942/5476>
- Haslam, D. M., Tee, A., & Baker, S. (2017). The use of social media as a mechanism of social support in parents. *Journal of Child and Family Studies*, 26(7), 2026–2037. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0716-6>
- ISCTE.(2016). *Código de Conduta Ética na Investigação*. https://www.iscte-iul.pt/assets/files/2019/10/30/1572448056118_C_digo_de_Conduta_tica_na_Investiga_o_ISCTE.pdf

- Klucarova, S., & Hasford, J. (2021). The oversharenting paradox: when frequent parental sharing negatively affects observers' desire to affiliate with parents. *Current Psychology*, 42(8), 6419–6428. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-01986-z>
- Júnior, F.F.L. & Souza, K.D. da S.(2017). INDIVÍDUO E REDE: BIOPODER E AS MÁSCARAS SOCIAIS/VIRTUAIS. 1-14. https://www.easyclanners.net/alas2017/opc/tl/4594_fernando_francelino_lopes_junior.pdf
- Lapa, T., & Cardoso, G. (2014). Leitura digital, Internet e media sociais: uma análise comparativa. Em G. Cardoso, O Livro, o Leitor e a Leitura Digital (pp.324-371). Gulbenkian.
- Lemes, T. (2022). Sharenting comercial: exposição da imagem infantil nas redes sociais como fonte de renda familiar e os abusos cometidos no âmbito dessa exposição. *Repositório Universitário da Ânima (RUNA)*, 1-19. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26008>
- Livingstone, S., Blum-Ross, A., & Zhang, D.(2018). *What do parents think, and do, about their children's online privacy? Parenting for a Digital Future: Survey Report.* 1-13. https://eprints.lse.ac.uk/87954/1/Livingstone_Parenting%20Digital%20Survey%20Report%203_Published.pdf
- Lombardi, G., & Junior, C.G. (2022). UMA ANÁLISE DO RISCO DA SUPEREXPOSIÇÃO INFANTIL NO MEIO DIGITAL. *Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca*, 7(1), 1003-1032. <https://revista.direitofranca.br/index.php/icfdf/article/view/1367>
- Macedo, M. C. A., Lima, T. de T., & Pelisson, G. C. (2023). OVERSHARENTING: O CONFLITO ENTRE A PRIVACIDADE DOS FILHOS MENORES E O PODER FAMILIAR. *FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL*,42(1), 361-375. <https://jnt1.websiteseuro.com/index.php/JNT/article/view/2141/1436>
- Maraşlı, M., Er, S., Yılmaztürk, N. H., & Cok, F. (2016). Parents' Shares on Social Networking Sites About their Children: Sharenting. *Anthropologist*, 24(2), 399- 406. https://www.researchgate.net/publication/303763428_Parents'_Shares_on_Social_Networking_Sites_About_their_Children_Sharenting
- Martins, R. S., Mascarenhas, S. a. D. N., & Resende, G. C. (2020). Oversharenting and family life. *International Journal for Innovation Education and Research*, 8(11), 155–170. <https://doi.org/10.31686/ijer.vol8.iss11.2731>
- Marwick, A. E., & boyd, d.(2014). Networked privacy: How teenagers negotiate context in social media. *New Media & Society*, 16(7), 1051-1067. <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/1461444814543995>
- Massum, H., & Tovey, M. (2015). *The Reputation Society: How Online Opinions Are Reshaping the Offline World* . The MIT Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt5hhg6q>
- MAXQDA. (2023, novembro). *Software para Análise de Dados Qualitativos*. <https://www.maxqda.com/pt/software-analise-qualitativa>

- Moser, C., Chen, T., & Schoenebeck, S. Y. (2017). Parent's and Children's Preferences about Parents Sharing about Children on Social Media. *Emerging Privacy*, 5221–5225. <https://doi.org/10.1145/3025453.3025587>
- Moulin, L. F. R. (2023). *O fenômeno do (over)sharenting: a superexposição infantil das crianças e adolescentes nas redes sociais versus o (des)respeito aos seus direitos e à sua proteção integral* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Direito de Vitória]. Repositório FDV. <http://191.252.194.60:8080/handle/fdv/1549>
- Nunes, D. M. (2022). *A PRÁTICA DO OVERSHARENTING E A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE DO MENOR*. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36840>
- Obar, J. A., & Wildman, S. (2015). Social Media Definition and the Governance Challenge: An Introduction to the Special Issue. *Telecommunications Policy*, 39(9), 2-21. https://www.researchgate.net/publication/315455917_Social_Media_Definition_and_the_Governance_Challenge_An_Introduction_to_the_Special_Issue
- Oliveira da Silva, G. (2022). *Sharenting: um estudo sobre a responsabilidade civil das plataformas digitais e responsáveis legais pela superexposição infantil em redes sociais* [Dissertação de mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Adelpha Repositório Digital. <https://dspace.mackenzie.br/items/25b4163e-744f-46ce-acf6-ba649d0703a7>
- Peng, Z. (2023). Your growth is my growth: examining sharenting behaviours from a multiparty privacy perspective. *Communication Research and Practice*, 9(3), 271–289. <https://doi.org/10.1080/22041451.2023.2216584>
- Persson, A. (2010). Front-and backstage in social media. *International Sociological Association*, 1-27. <https://lucris.lub.lu.se/ws/portalfiles/portal/6358697/1686911.pdf>
- Piccini, C. F., Da Costa, C. B., & Cenci, C. M. B. (2021). Relação entre Pais e Filhos Adolescentes Quanto ao Uso das Mídias Digitais. *Contextos Clínicos*, 13(3), 849–872. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.133.07>
- Pinto, A. R., & Monteiro, A. A. (2018). As redes sociais de apoio na transição para a parentalidade. *Sociologia on Line*, 17, 113-135. <https://doi.org/10.30553/sociologiaonline.2018.17.5>
- Rabelo, M. L. B. de A. (2022). *OVERSHARENTING E A AUTODETERMINAÇÃO INFORMATIVA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES: COMO GARANTIR O PLENO EXERCÍCIO DESTES DIREITOS À LUZ DO PRINCÍPIO DO MELHOR INTERESSE?*. <http://hdl.handle.net/11422/20131>
- Robards, B., Lincoln, S., Pinkard, B., & Harris, J. (2018). Remembering through Facebook: mediated memory and intimate digital traces. In A. Dobson, B. Robards, & N. Carah (Eds.), *Digital intimate publics & social media* (pp. 75–91). Cham, Switzerland: Palgrave. doi:10.1007/978-3-319-97607-5_16

- Robards, B. (2019). Social media scroll back method. *ResearchGate*. 1-11. https://www.researchgate.net/publication/338936415_Social_Media_Scroll_Back_Method
- Rocha, A. N. de S., & Ferreira, B. M. (2023). ADULTIZAÇÃO PRECOCE NAS MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS: por onde anda a responsabilidade familiar?. *Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate*, 9(1), 98-118. <https://unifan.edu.br/revistas/index.php/RevistaISE/article/view/990>
- Rosa, P. (2024, Março). *Quais as redes sociais mais usadas em Portugal*. Van Marketing Digital. <https://van.pt/redes-sociais-usadas-em-portugal/>
- Saraiva, M. de S. L. S. (2020). *O impacto das redes sociais no quotidiano de diferentes gerações* [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Veriati. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/37241>
- Santos, G. G., & Edler, G. O. B. (2022). OVERSHARENTING: A SUPEREXPOSIÇÃO DA IMAGEM DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS E A RESPONSABILIDADE CIVIL DOS PAIS. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 8(6), 852–869. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i6.5973>
- Shabahang, R., Shim, H., Aruguete, M. S., & Zsila, Á. (2022). Oversharing on Social Media: Anxiety, Attention-Seeking, and Social Media Addiction Predict the Breadth and Depth of Sharing. *Psychological Reports*, 0(0), 1-18. <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/00332941221122861>
- Silva, I. I. B. de S. (2020). O fenômeno do sharenting e a superexposição infantil: entre a autoridade parental e o melhor interesse da criança nas redes sociais online [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Digital da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40050>
- Steinberg, S. (2004, agosto). *Why Parents Should Pause Before Oversharing Online*. <https://www.nytimes.com/2020/08/04/well/family/parents-social-media-privacy.html>
- Steinberg, S.B. (2017). Sharenting: Children's Privacy in the Age of Social Media. *EmoryLaw Journal*, 66(839), 839-884. <https://scholarship.law.ufl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1796&context=facultypub>
- Verswijvel, K., Walrave, M., Hardies, K., & Heirman, W. (2019). Sharenting, is it a good or a bad thing? Understanding how adolescents think and feel about sharenting on social network sites. *Children and Youth Services Review*, 104, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.104401>
- Vieira, N. M. P. (2022). *IDENTIDADE E PRIVACIDADE DE CRIANÇAS E JOVENS NO FACEBOOK: PUBLICAÇÕES, GRATIFICAÇÕES E PERCEÇÕES DE RISCO DA PARTILHA DE FOTOS* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/24295>

Anexos

Anexo A

Exemplos de Publicações Online dos Pais e Gráficos sobre a Partilha de Informações sobre as Crianças

Figura 1

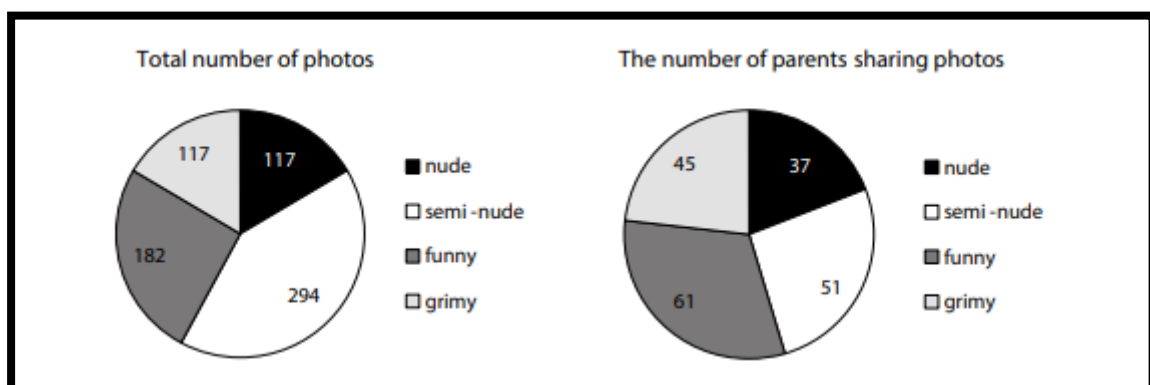
Exemplo da falta de privacidade que uma criança pode ter quando os pais partilham informações de forma comercial



Nota. Captura de ecrã retirada pela autora da dissertação da seguinte página Web: <https://www.tiktok.com/@kapinhaoficial/video/7234618638404308250>; A imagem contém um desfoque na cara da criança de modo a garantir a sua privacidade.

Figura 2

Os tipos de fotografias embaraçosas das crianças mais partilhadas pelos pais nas redes sociais online



Nota. Adaptado de Brosch (2016, p. 231)

Figura 3

Exemplo de uma partilha inconsciente de um vídeo de uma criança nas redes sociais online que compromete a sua privacidade e, que pode originar perigos para a mesma



Nota. Adaptado de Silva (2020, p. 33)

Figura 4

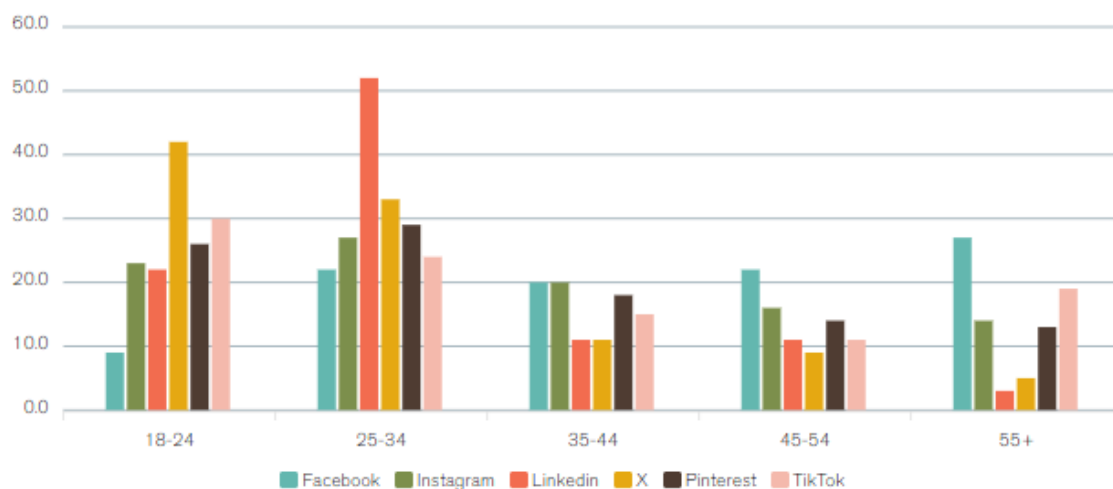
Evolução de número de utilizadores nas redes sociais online em Portugal



Nota. Adaptado de Rosa (2024)

Figura 5

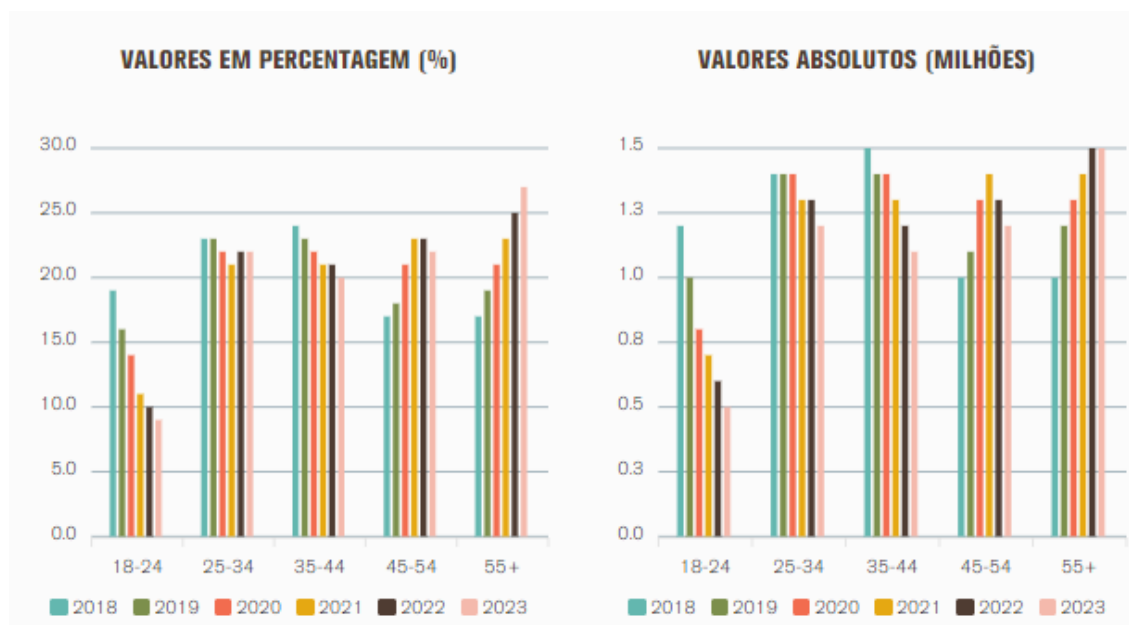
Evolução do número de utilizadores portugueses por faixa etária nas redes sociais online



Nota. Adaptado de Rosa (2024)

Figura 6

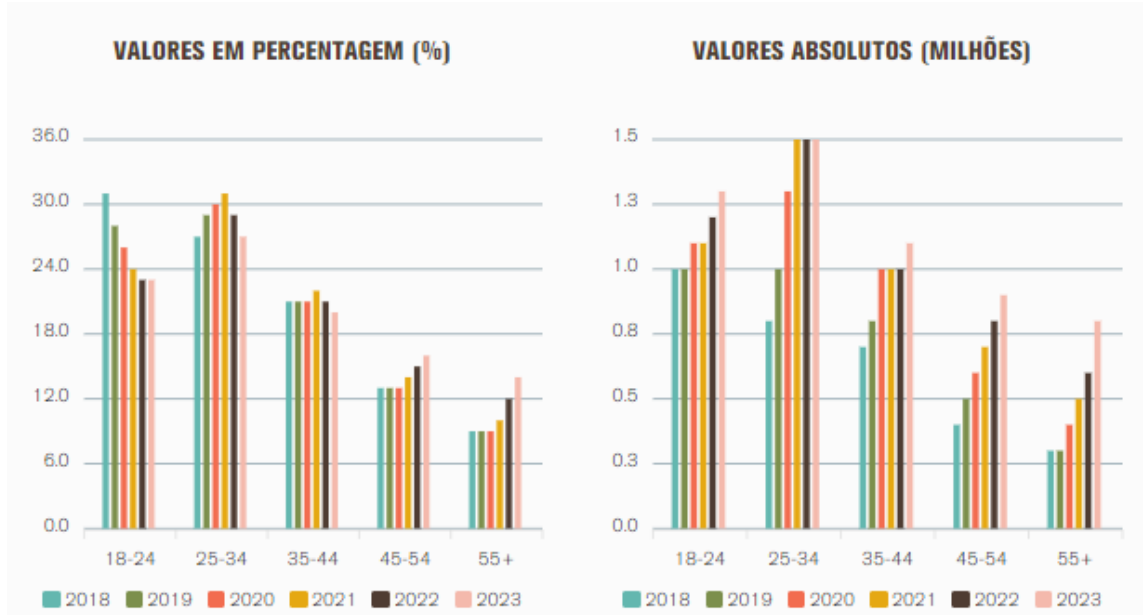
Evolução dos utilizadores portugueses do Facebook, por faixa etária e por ano



Nota. Adaptado de Rosa (2024)

Figura 7

Evolução dos utilizadores portugueses do Instagram, por faixa etária e por ano



Nota. Adaptado de Rosa (2024)

Anexo B

Quadro 1

Caracterização Sociodemográfica dos Entrevistados

	Idade	Género	Profissão	Escolaridade	Localidade	Estado Civil	Nº de filhos
Entrevistado 1	47	Masculino	IT Engineer	Licenciatura	Setúbal, mas reside em Staffordshire, Uk	Casado	2
Entrevistado 2	39	Feminino	Técnica Superior	Licenciatura	Setúbal	União de facto	1
Entrevistado 3	36	Masculino	Serralheiro	9ºano	Cacém	Solteiro	1
Entrevistado 4	34	Feminino	Esteticista	12ºano	Belas	Casado	1
Entrevistado 5	36	Masculino	Tatuador	12º ano	Estoril	Solteiro	1
Entrevistado 6	33	Feminino	Especialista em Medicina Tradicional Chinesa	12ºano e curso profissional	Assafora	Solteira	1
Entrevistado 7	40	Masculino	Artista Plástico/Faz-tudo	12ºano	Amadora	União de facto	1
Entrevistado 8	23	Feminino	Monitora de Desportos Radicais	Pós-Secundário	Coimbra	Solteira	1
Entrevistado 9	34	Masculino	Vendedor/Repositor de legumes	12ºano	Aigualva-Cacém	Solteiro	1
Entrevistado 10	24	Feminino	Operadora de Fábrica	12ºano	Suíça	Casada	1
Entrevistado 11	29	Feminino	Administrativa	12ºano	Seixal	Casada	1
Entrevistado 12	33	Feminino	Assistente Administrativa	Licenciatura	Évora	União de Facto	1
Entrevistado	34	Masculino	Caixeiro de peças	9ºano	Seixal	Casado	1

13			auto				
Entrevistado 14	32	Masculino	Tratorista	9ºano	Aveiras de Cima	Solteiro	2
Entrevistado 15	33	Feminino	Empregada de balcão	9ºano	Cacém	União de facto	2
Entrevistado 16	34	Feminino	Gerente de loja	12º ano	Sintra	Solteira	1

Anexo C

Guião da Entrevista

Caracterização sociodemográfica

Caracterização dos pais entrevistados:

- Qual é a sua idade?
- Qual é o seu género?
- Qual é a sua profissão?
- Qual é o seu grau de escolaridade?
- Qual é a sua localidade?
- Quantos filhos tem?
- Qual é o seu estado civil?

Caracterização dos filhos:

- Qual é a sua idade?
- Qual é o seu género?
- Qual é o seu grau de escolaridade?

Frequência

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?
- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

Conteúdo

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?
- Em que contextos é que surge a partilha?
- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

Motivações

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?
- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

Impacto percebido nas crianças

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?
- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?
- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?
- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

Gestão da privacidade

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?
- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?
- Como são compostos os seus seguidores?
- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?
- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?
- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?
- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?
- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?
- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?
- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.
- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

Envolvimento e feedback

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?
- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?
- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?
- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?
- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/*likes* em relação às suas publicações?
- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

Anexo D

Quadro 2

Modelo Analítico com Dimensões e Operacionalização do Conceito de (Over)Sharenting

Dimensões	Componentes	Indicadores /questões
Frequência		Q1. Medir o número de <i>posts</i> sobre crianças no último mês, seis meses e ano
Conteúdo	Tipos de conteúdos	Q2. Tipos de conteúdos (quotidiano, marcos ou conquistas, informações confidenciais e marcadores pessoais)
	Sensibilidade e privacidade dos conteúdos	Q3. Avaliar os tipos de sensibilidade e privacidade em alta, média e baixa sensibilidade
Motivações	Tipos de motivações	Q4. Tipos de motivações (conexão social, identidade e autorrepresentação, manutenção da memória e validação social)
	Motivações primárias e secundárias dos <i>posts</i>	Q5. Avaliar os <i>posts</i> distinguindo as motivações primárias e secundárias
Impacto percebido nas crianças	Tipos de impactos nas crianças	Q6. Tipos de impactos (positivo, neutro e negativo)
	Representações de impactos	Q7. Identificar tipos de conflitos e tensões existentes
Gestão de privacidade	Configurações e práticas de privacidade	Q8. Tipos de configurações e práticas de privacidade

	Consciencialização dos pais e estratégias de privacidade	(conta pública vs. privada; uso de pseudónimos ou iniciais em vez de nomes completos; limitação do público para <i>posts</i> específicos, e, regras familiares na gestão e práticas de privacidade) Q9: Tipos de consciencialização (alta, média e baixa)
Envolvimento e Feedback	Métricas de envolvimento	Q10: Quantificar as métricas de envolvimento (número de <i>likes</i> , comentários e partilhas) Q11: Análise de comentários (positivo, neutro, negativo) Q12: Categorizar níveis de envolvimento (baixo, médio e alto envolvimento)
	Tipos de comentários	
	Níveis de envolvimento	

Anexo E

Quadros das Codificações das Entrevistas dos Participantes

Quadro 3

Caracterização dos Pais pela Questão de Género

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Homem																
Mulher																

Quadro 4

Caracterização dos Pais Entrevistados pela Questão da Idade

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Mais Novos																
Mais Velhos																

Quadro 5

Caracterização dos Pais pelo Grau de Escolaridade

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Mais Baixo																
Mais Elevado																

Quadro 6

Caracterização dos Pais pelo Estatuto Profissional

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Mais Elevado																
Mais Baixo																

Quadro 7

Caracterização dos Pais pelo Número de Filhos

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Um																

Filho																
Dois Filhos																

Quadro 8

Caracterização dos Filhos pela Questão da Idade

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Mais Velhos																
Mais Novos																

Quadro 9

Caracterização dos Filhos pela Questão de Género

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Feminino	1		1		1	1				1	1	1	1	1	2	1
Masculino	1	1		1			1	1	1					1		

Quadro 10

Frequência da Partilha pelos Pais Entrevistados

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Baixa																
Média																
Alta																

Quadro 11

Tipos de Conteúdo da Partilha dos Pais sobre as Crianças

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Informações Pessoais																
Marcos																

Quotidiano																
------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Quadro 12

Questões de Sensibilidade e Privacidade

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Alto																
Médio																
Baixo																

Quadro 13

Motivações dos Pais para a Partilha sobre as Crianças

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Identidade/Autorrepresentação																
Conexão Social																
Manutenção da Memória																
Validação Social																

Quadro 14

Emoções associadas à Partilha pelos Pais Entrevistados

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Positivas																
Neutras																
Negativas																

Quadro 15

Impacto Percebido nas Crianças pelas Publicações feitas pelos Pais Entrevistados

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Tensões/Conflitos																
Positivo																
Neutro																
Negativo																

Quadro 16

Alteração de Configurações nas Publicações sobre as Crianças

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Seguidores-Ququer Pessoa																
Seguidores-Amigos e Família																
Regras Familiares																
Limitação para posts específicos																
Uso do Nome Próprio																
Uso de Pseudônimos																
Conta Privada																

Conta Pública																
---------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Quadro 17

Tipos de Conscientização

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Baixa																
Média																
Alta																

Quadro 18

Arrependimentos e Dúvidas na Partilha

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Já teve dúvidas																
Nunca teve dúvidas																

Quadro 19

Preferências do Público às Partilhas sobre as Crianças dos Pais

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Marcos																
Nascimento																
Momentos em Família																
Aniversários																
Momentos do dia-a-dia																
Natal																

Quadro 20

Níveis de Envolvimento por parte do Público

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Baixo																
Médio																
Alto																

Quadro 21

Tipos de Pais Existentes na Partilha Online sobre as Crianças

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	E16
Instagrammer																
Nada Instagrammer																
Influencer Digital																
Protetor																
Pouco Protetor																
Preocupado																
Despreocupado																
“Norma l”																

Anexo F

Transcrição de Entrevistas

Entrevistado 1

- Qual é a sua idade?

“Tenho 47 anos.”

- Qual é o seu género?

“Masculino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou IT Engineer”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Tenho uma licenciatura em Tecnologias da Informação.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou de Setúbal, mas emigrei e agora moro em Staffordshire no Reino Unido.”

- Qual é o seu estado civil?

“Sou casado.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho 2 filhos.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Um tem 14 anos e o outro tem 8.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Um menino e uma menina.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“O mais velho anda no 10º ano e a mais nova no 4º ano.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Não muitas vezes, já fui mais ativo. Normalmente, partilho quando acontece algo aqui por casa, ou simplesmente, porque estamos felizes ou a fazer alguma coisa gira com os pequenos.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Como moramos no estrangeiro só partilho para a família e para os nossos amigos acompanharem um pouco a nossa vida aqui e o crescimento dos miúdos. Como tal, gostamos de manter o Instagram como um diário, e, considero adequado.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Como vês, é mais em aniversários, eventos, *achievements* dos miúdos, atividades na escola ou dias onde passeamos com eles.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Depois de eventos, ou acontecimentos especiais, em vez de mandar as fotografias por mensagem ou email para os mais próximos, partilho no Instagram por ser mais fácil e prático.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque são os momentos que quero registar e partilhar sobre eles.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“O objetivo é de manter um diário para a família e para os amigos poderem ver os acontecimentos da nossa vida por aqui, e ficamos felizes por terem notícias nossas.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Sinto-me feliz porque a família e amigos vão poder ver o que se passa connosco.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, penso e por isso não partilho nada que os possa prejudicar. Para além disso, a menos que haja um leak de toda a informação, a minha conta é privada de forma a ajudar na nossa privacidade.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

**- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)?
Porquê?**

“Não. Normalmente eles nem sabem o que partilhamos no Instagram. Mesmo o mais velho, sabe o que é, mas não tem nenhum interesse em ter uma conta para ele nem do Instagram nem de outra rede social.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Nunca surgiu nada.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Sim, e, por isso é que não partilho nada que os possa envergonhar.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada porque partilho coisas pessoais e dos meus filhos menores.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo o meu nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“É só mesmo amigos e família.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sempre.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas?

Se sim, qual (quais)?

“Às vezes, muito raramente, partilho só comigo e com a minha esposa, e, assim é uma forma de não partilhar em excesso nem de partilhar coisas que podem ser vistas como mais pessoais.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Sim, falo com a minha esposa e estamos sempre alinhados.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É mesmo apenas o bom senso.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Quando a conta é pública, as publicações dos filhos podem se tornar inapropriadas, no entanto, como o meu Instagram é pessoal, não partilho nada publicamente para toda a gente ver... também porque não tenho necessidade de crescer o número de seguidores, mas de manter um diário e de ter recordações.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não, muito pelo contrário. Houve um dia que partilhei uma foto dos meus filhos na praia, esta aqui... e o Instagram bloqueou porque apareceram os mamilos das crianças. Nessa altura pensei se valeria a pena continuar ou não, mas não vi mal porque a conta é privada, e continuei a publicar.

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Normalmente tenho muito cuidado com isso, e, então, nunca tive dúvidas.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim, sempre. Tento andar sempre em cima do que se passa.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Normalmente são sempre os aniversários ou as fotos de Natal que têm mais interação, pois as pessoas comentam a dar os parabéns e desejar as boas festas.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Eu não tenho muitos seguidores, então os comentários são poucos, pois são as pessoas com quem mantenho contacto diariamente. Mas normalmente é este tipo de comentários a dar os parabéns por causa do aniversário, ou algum achievement que os miúdos tenham.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive nenhuma publicação onde isso acontecesse porque tento partilhar apenas coisas positivas, e, por isso nunca tive comentários negativos.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

Não aplicável.

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Acho que foi esta publicação de aniversário, e o que motiva as pessoas a comentarem, acho que é o facto de poderem estar connosco apenas duas vezes por ano, e, assim sentem-se mais próximas de nós.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Apenas me sinto feliz por eles saberem como nós vamos por cá. Mas ter likes não me dá motivação para partilhar. Manter o diário é que me motiva a continuar com a minha conta.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“De forma nenhuma, nem faria sentido.”

Entrevistado 2

- Qual é a sua idade?

“Tenho 39 anos.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Eu sou técnica superior na área de gestão de projetos de investigação.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Tenho uma licenciatura.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou de Setúbal.”

- Qual é o seu estado civil?

“União de facto.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho um filho.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Ele tem 13 anos.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Masculino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Terminou o 7ºano.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Tento não partilhar muito, é mesmo muito raramente. Será mais ou menos 1 a 2 vezes a cada 6 meses.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“É muito pontual, só partilho no aniversário ou quando há algum acontecimento mais especial onde se tire fotografias de ambos que ficou muito gira, como uma viagem, uma ida a um museu.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Partilho mais quando há algum evento que tenhamos ido em comum, em festas ou aniversários.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“É mais no aniversário para também dar oportunidade ao nosso círculo de dar os parabéns, quando há outros eventos mais especiais, para ter memórias para mais tarde recordar, ou quando ele pratica desporto.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque são coisas pontuais e para recordar acontecimentos e datas importantes.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Como já disse, é mais para manter recordações dos vários acontecimentos, e para mostrar ao nosso círculo. Não faço muitas publicações porque não utilizo assim tanto o *Instagram*.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Sinto-me sem constrangimentos porque falo sempre com o meu filho primeiro e só partilho se ele concordar com a partilha.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, e, por isso falo com ele primeiro antes de fazer alguma coisa.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Não, porque não partilho nem sentimentos, nem frustrações, nem conquistas pessoais. Não partilho nada muito pessoal que chegue a ponto de afetar o meu filho em qualquer aspeto.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Sim, surgiu uma vez com o pai dele, por partilhar fotografias em que ele se encontrava na banheira, e por não me ter perguntado antes se podia, porque acho esse tipo de fotografias inapropriadas para serem partilhadas.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Sim, claro, e por isso é que tenho muito cuidado com a minha partilha.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada, porque é uma forma de saber sempre quem vê as minhas publicações.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo o nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Maioritariamente família.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim, sempre.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas?

Se sim, qual (quais)?

“Não mostro o rosto do meu filho de forma a ninguém saber como é que ele é.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Não, porque eu é que sou a responsável por ele.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Na minha opinião, é exagerada quando se expõe sentimentos, fraquezas e emoções da criança.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Sim, e na dúvida não coloco, sobretudo se forem coisas pessoais.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Se for a ver, devem ser mais os aniversários, sem dúvida.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Geralmente, os comentários são de pessoas próximas que não o veem há bastante tempo, com elogios comuns e com os parabéns.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nenhuma até agora.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

Não aplicável.

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“É o mesmo que já repeti, são os parabéns para felicitar o meu filho.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“É sempre bom saber que as pessoas se importam e dão atenção ao que se posta, que se preocupam e que têm a necessidade de deixar saudações, e, portanto, sinto-me bem.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não, publico o menos possível.”

Entrevistado 3

- Qual é a sua idade?

“Tenho 36 anos”.

- Qual é o seu género?

“Sou um homem”.

- Qual é a sua profissão?

“Sou serralheiro, soldador.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“9º ano.”

- Qual é a sua localidade?

“Cacém.”

- Qual é o seu estado civil?

“Solteiro.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho uma filha.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Tem 9 anos.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“É uma menina.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Tem o 3ºano, passou agora para o 4ºano.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Como nem sempre estou com ela porque não estou junto com a mãe dela, nem sempre publico sobre ela. Mas quando estou com ela, é quando publico mais, não sei bem quantas vezes, mal umas duas vezes nas semanas que estou com ela. Normalmente, o que partilho são mais fotografias e são quando passo bons momentos com ela, mas depende, porque há muitas vezes que não tenho paciência ou tempo para publicar algo.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Porque tenho amigos, família que não estão aqui perto e conseguem vê-la através do Instagram e não é só isso, também gosto de partilhar o meu momento de felicidade com ela.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Quando ela faz anos, dias na escola, concertos que ela gosta, parques, momento em que ela está feliz.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Vem ao encontro do que disse antes, é sempre em situações do dia-a-dia, em situações de felicidade, momentos que gosto de partilhar.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque penso que é um momento de felicidade que se deve partilhar, porque, por exemplo, se ela faz anos, eu sei que os meus familiares de Angola, os meus primos, os meus irmãos, vão ver, e gostam de comentar, por exemplo, que ela está crescida, ou dão-lhe os parabéns. E também gosto de mostrar que gosto de estar com ela e que temos aqueles nossos momentos juntos. Há aqueles momentos que gosto de partilhar por achar que tive momentos engraçados com ela mas não é com aquela necessidade de demonstrar o meu amor por ela pelo Instagram”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Eu partilho para mostrar momentos de felicidade, mostrar momentos com a minha filha, porque gosto de partilhar e para partilhar com os meus familiares, foi o que disse antes, é mesmo porque quero mostrar momentos que partilhamos juntos.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais online?

“O que é que eu sinto? Sinto felicidade, sinto-me bem porque quando eu posto sobre a minha filha é porque me senti feliz a tirar essa fotografia, ou a fazer esse vídeo.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Por acaso nunca pensei nisso. Sei que tenho fotos da minha filha na praia que não se deviam pôr, talvez, mas não é algo que pense ou que ache que vá dar problemas para ela.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Vistas nesse sentido, talvez posso ter sim porque tenho fotografias e vídeos dela na praia, como já te disse e, na piscina.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Imagina, no dia em que ela puder ter uma conta de Instagram, terei mais conversas com ela no sentido em que irei perguntar mais vezes se posso partilhar alguma fotografia. E também perguntar se ela gosta, ou não gosta, ou se posso ou não, porque como já terá uma conta de Instagram, já vai querer ter mais a sua privacidade, penso eu. Nunca tinha pensado muito nisso. Eu, agora pergunto se posso partilhar mas ela só se ri, não diz nada, só acha engraçado.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não, ela gosta de ver que publico sobre ela e ri-se mas nunca dá muita opinião, como já disse, talvez por ter só 9 anos, não sei. Com a mãe dela também nunca houve nenhum problema porque ela também partilha sobre ela nas redes sociais, e, então como fazemos os dois o mesmo, não vejo problema e acho que ela também não vê, mas não falamos sobre isso. ”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Não, porque acho que nunca publiquei nada assim tão grave para ela um dia falar comigo sobre isso, ou sentir-se envergonhada por ter partilhado. Até porque eu acho que foi sempre algo controlado.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“A minha conta é pública porque para mim não me faz diferença se ela é pública ou privada.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Uso o meu nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“São família, amigos, e pessoas que também não conheço porque tenho a conta pública e não ligo a isso.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Se calhar não. Acho que nunca pensei, não sei. Agora que estás a tocar nesses pontos, agora uma pessoa pode pensar nessas coisas, mas como acho que partilhar fotografias dos filhos é comum... claro que por ser algo comum, não tens de o fazer mas partilhar é uma coisa que eu gosto de fazer porque, por exemplo, tenho amigos de infância que encontrei no Instagram e é uma forma também de saber como eles estão na vida, o que lhes acontece, se estão vivos ou não, porque às vezes sem isso, não sabes nada da pessoa porque nunca estás com ela, ou assim.. Uma pessoa gosta de ver e saber essas coisas e partilhar da nossa vida um bocado.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Não tenho nenhuma estratégia, mas por exemplo, aquela parte que existe no Instagram dos amigos chegados, vou começar a utilizar e antes disto, já tinha pensado em utilizar para partilhar coisas só para as pessoas que estão comigo mais no dia-a-dia.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Com a mãe da minha filha é consentido porque ela também o faz, se partilho coisas com ela, ela nunca me disse nada. Alguma coisa que tenha no Instagram, se for preciso tiro um print e mando-lhe no whatsapp porque eu não a sigo nas redes sociais, e ela vê, e gosta, e assim publico. Ela consente com essas reações e eu vejo isso como uma aprovação para colocar nas redes sociais.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não, só meto coisas da minha filha, quando estou com ela durante a semana e depende sempre do que estamos a fazer, mas não.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“A partilha é excessiva quando as pessoas põem a vida dos filhos em risco, quando fazem coisas ilegais, quando partilham localizações, não sei bem.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Se calhar não, porque se tivesse arrependido já teria apagado mesmo sabendo que já possa ter sido copiada. Não vou dizer que não me possa vir a arrepender mas acho que não porque tudo o que partilho vem de momentos felizes e de coisas boas.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação online? Dê um exemplo.

“Não sei. Talvez conduzir a filmar ao mesmo tempo com a minha filha ao lado porque não é apropriado estar a fazer essas coisas. Já me aconteceu estar a fazer isso e meter no TikTok e aparecer que não era apropriado.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Não, se calhar não, e se calhar devia.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“É esta publicação de quando ela fez anos, é sempre a que eu faço sobre os anos dela que as pessoas comentam mais e dão mais likes.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É mais parabéns, felicidades, e essas coisas, por exemplo, que ela está grande e que está a ficar linda, coisas assim.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive nada.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Se for alguém que conheça, se calhar vou tentar obter uma resposta e perceber o porquê do comentário.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais likes? O que acha que é a justificação para tal?

“A dos parabéns, porque as pessoas gostam de se sentir presentes na vida dos outros e gostam de dar felicidade aos outros. Eu pelo menos sou assim.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“O que é que eu sinto? Sinto que as pessoas tiveram mais presentes naquele momento e que foi uma fotografia que chamou a atenção de mais pessoas.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não, nunca influenciaram, nem nunca irão influenciar porque eu não sinto que vou fazer mais para agradar. Eu faço publicações porque gosto de fazer, porque gosto da minha filha e porque são momentos felizes.”

Entrevistado 4

- Qual é a sua idade?

“Tenho 34 anos.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou esteticista.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Tenho o 12ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Belas.”

- Qual é o seu estado civil?

“Sou casada.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho um menino.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Ele tem dois anos.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Masculino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Ainda está na creche.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Uma ou duas vezes por ano.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Partilho em momentos mais especiais, como o aniversário, o natal, dia da mãe, dia do pai, simplesmente para marcar e ficar marcado aquela dedicatória, por ficar para sempre na Internet, supostamente. E para mim, a frequência é adequada, é suficiente aquilo que partilho, mas depende sempre de cada pessoa.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Sobre o meu filho basta-me partilhar mais no aniversário dele, mostrar que ele é importante para mim, mostrar os passos que ele deu esse ano, o que é que foi mais relevante.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“São em contextos mais específicos, é mais nos aniversários dele, ou no Natal, ou algo que eu ache que faça sentido partilhar, não sou de publicar no dia-a-dia, como consegues ver.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque é o que faz mais sentido, não é expor demasiado, é partilhar as datas mais importantes e especiais para nós.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Não sou daquelas mães que sentem a necessidade de partilhar no Instagram todos os dias, partilho quando quero e quando acho que é especial pôr alguma coisa, portanto não há nenhum objetivo que tenha ao partilhar no Instagram, é mais para nós vermos e mostrar aos nossos amigos e família os momentos mais importantes.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Um orgulho do meu amorzinho, sinto-me feliz.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim e não. Não partilho a cara nem o rosto dele nem nada que o possa pôr em causa, porque não é por achar que o conteúdo é inadequado mas sim por causa de terceiros que podem ver e fazer coisas piores. Mas sim, ele pode sempre não gostar de alguma coisa que publico ou publicarei.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Não.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Eu acho que ele vai sentir orgulho naquilo que eu escrevi em cada publicação que fiz dele, e que só vai achar que tem uma mãe que escrevo coisas foleiras. Mas isso também passa por todos, porque isso também me aconteceu com a minha mãe a publicar coisas, por exemplo no Facebook, e irá acontecer com ele.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada porque só tem acesso quem eu quero pois eu publico aquilo que é meu, e o que publico tem a minha cara e do meu marido, mas também só partilho para quem eu quero.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“O meu nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Amigos, família, amigos de infância, pessoas que conheci nos vários sítios onde já vivi e já trabalhei.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim, primeiro porque não publico tudo aquilo que me apetece, porque às vezes apetece-me demonstrar sentimentos, felicidade, viagens, mas não publico nada disso porque ninguém tem nada a haver com a minha vida, e publico só aquilo que eu quero que os outros vejam mesmo.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Não, nem utilizo aquilo dos amigos chegados porque a minha rede já é chegada o suficiente.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Não, nem com o meu marido. Por norma nós tiramos uma fotografia de Natal de costas e faço questão de meter uma dessas todos os anos e isso ele sabe, mas já fiz aquelas publicações surpresa do meu filho e não lhe perguntei. Também nunca houve nenhuma reação negativa.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Até ele ter idade suficiente para perceber os riscos que existem na Internet, nunca irei publicar nada que mostre o rosto dele.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Quando se mostra a cara porque é perigoso. Mesmo que os meus seguidores sejam sempre pessoas que nós conhecemos, eu não sei o que é que essas pessoas seguem porque essas pessoas podem tirar print e publicar noutros sítios ou partilhar com outros e nunca se sabe o que essas pessoas fazem, então todo o cuidado é pouco.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Sim, às vezes uma pessoa quer publicar os momentos de maior felicidade, de maior orgulho, ou algum marco mas tenho receio de estar a publicar já demais, ou quando quero publicar algo sobre o meu filho que eu acho que é lindo, mas depois não quero porque não quero que o vejam. As pessoas que o querem ver, são pessoas que nós conhecemos e essas veem-no ao vivo.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Se calhar não sei todos, mas acho que sei os básicos. Lá está, a internet tem aquelas coisas de tudo o que é publicado fica lá, não percebo nada disso, mas sei que isso acontece, então não publico nada que o exponha diretamente.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Do Natal e os aniversários dele.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É sempre ah que família bonita, feliz aniversário, bom natal, do género.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“É tudo à volta do mesmo, porque como são só partilhas das mesmas coisas como o Natal, aniversário e o dia da mãe e do pai, acabam sempre por ter o mesmo tipo de comentários e o mesmo número de likes, pois o círculo também é pequeno e é sempre o

mesmo. Mas a fotografia com ele que tem menos interação é esta publicação que fiz que são as mãos do meu marido com o meu filho, lá está, talvez por não se perceber o que é logo, não sei. Mas nunca tive comentários negativos, é só mesmo que a teve menos likes mas também não há uma diferença assim tão grande, como se vê, é quase sempre as mesmas pessoas a comentarem e a gostarem.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Não existem, mas dependia do comentário e dependia de quem viesse. De certeza que ia falar com a pessoa e ia apagar o comentário. Mas ainda bem que não acontece porque isso seria mau e tinha de repensar bem nas pessoas que sigo e me seguem no Instagram.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Foi esta do primeiro ano dele e a que estamos os três do Natal porque são alturas que as pessoas gostam de comentar mais e estar mais presentes.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Olha repararam, é essa a minha reação. Não ligo nada, não me diz nada mesmo, reparo mais se forem publicações relacionadas comigo, por exemplo, os meus anos, de resto é igual.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não, não ligo nada a isso.”

Entrevistado 5

- Qual é a sua idade?

“36 anos.”

- Qual é o seu género?

“Masculino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou tatuador.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Tenho o 12ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou do Estoril.”

- Qual é o seu estado civil?

“Solteiro.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho uma filha.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Tem 6 meses.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Vai este ano para a creche.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Eu tenho duas contas no Instagram, uma pessoal e uma mais profissional. Na pessoal, devo publicar quase todos os dias, na profissional tenho este vídeo em que ela aparece no meu local de trabalho mas ela não é a intenção do vídeo e uma fotografia.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Não o faço por necessidade, faço-o maioritariamente para partilhar o crescimento da minha filha com familiares e amigos próximos. Mas sim, como aquilo que partilho é para os nossos familiares, penso que seja adequado.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“São fotografias do dia-a-dia, em momentos simples que tenho com ela e decido partilhar.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“A partilha surge sempre em momentos de família, no dia-a-dia, em coisas simples, como disse, que vejo a minha filha a fazer, e partilho.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Normalmente, as publicações que tenho são quase sempre as mesmas que a mãe faz, pois ela é que tira maior parte das fotografias e dos vídeos, e, então não tenho grande trabalho, simplesmente a mãe é que produz as publicações no seu instagram e eu roubo-lhe, e, assim partilhamos, exatamente o mesmo.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“É como já referi, é apenas para partilhar os momentos dela com os que os que me são mais próximos e que querem ver o crescimento dela, porque não estão todos os dias connosco e assim sentem-se presentes.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais online?

“Eu acabo por partilhar aquilo que a minha mulher escolhe partilhar como já te disse, mas ambos sentimo-nos bem em partilhar fotografias e vídeos dela, mas não partilhamos nada mais pessoal, ou informação que seja demasiado privada.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Nem por isso, sinceramente, não penso nisso, não ache que partilhe nada de especial dela que possa acontecer alguma coisa grave.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“É assim, isso é o equivalente às velhotas que andavam com fotos dos netinhos na carteira e mostravam às comadres na feira, ou seja, aí não era considerado problemático. Não acredito que afete em nada, especialmente tratando desse conceito abstrato a que chamamos identidade digital.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Não, também não acho que ela se vá revoltar ou a arranjar problemas em relação ao que partilho.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada, foi criada especificamente para não dar acesso da minha filha a desconhecidos, mesmo que na conta profissional que é pública tenha aquele vídeo e aquela fotografia.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Nome próprio.”

- **Como são compostos os seus seguidores?**

“É mais família e amigos.”

- **Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?**

“Não.”

- **Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas?**

Se sim, qual (quais)?

“A única coisa que faço é dividir as minhas publicações entre a conta pessoal e privada e a conta profissional.”

- **Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?**

“Sim falo sempre com a mãe dela, porque nesta questão da partilha de fotografias e vídeos é ela que manda. Estou a brincar claro, mas sim, falamos os dois sobre isto para não haver problemas, mas também neste tempo nunca houve.”

- **Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?**

“Não.”

- **Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?**

“Basicamente, tudo o que envolva fotos com nudez ou com informações específicas de locais que possa frequentar como escolas, creches, etc.”

- **Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?**

“Não.”

- **Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.**

“Não.”

- **Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?**

“Sim, mas não estou sempre a ler sobre isso. Sei o básico.”

- **Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?**

“São todos os vídeos que estou eu, a minha filha e a mãe dela em momentos de família.”

- **Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?**

“São quase sempre emojis dos corações e elogios à nossa família.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive comentários negativos nem presto atenção aos likes, só partilho o que me interessa.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Nunca tive mas se tivesse não sabia bem como reagir mas claro que não gostaria disso. Mas só quando estamos dentro da situação é que sabemos.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Na minha página pessoal foi a publicação do nascimento dela, e, na pública foi aquele vídeo que já falei que foi quando estava a abrir o meu estúdio novo e ela estava lá.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Oh fico feliz porque sei que são pessoas que gostam de nós e por consequência dela.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não.”

Entrevistado 6

- Qual é a sua idade?

“33 anos.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou especialista de Medicina Tradicional Chinesa.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Tenho o 12º ano e um curso profissional, mas estou à espera da equivalência de licenciatura.”

- Qual é a sua localidade?

“Vivo na Assafora.”

- Qual é o seu estado civil?

“Solteira.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho uma filha.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Ela tem 15 meses.”

- Qual é o gênero do(s) seus filho(s)?

“Feminino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

Não aplicável.

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“É um bocado irregular, mas tenho estas cinco publicações sobre ela desde que nasceu. Diria, uma vez por mês.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Acho que nos habituamos a usar as redes sociais como “guardadores do tempo”. Então quando há algum registo que eu acho bonito por algum motivo apetece-me partilhar, e sinceramente às vezes esqueço-me que não tenho só amigos a seguir. Adequada? Há dias que acho que partilhei demais, há dias em que acho que não foi nada de especial, mas no geral, penso que sim.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Normalmente, o que partilho mais sobre ela é sempre relacionado com a minha quinta, então são sempre registos dela a conhecer os animais, a interagir com eles.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“O que partilho são mais acontecimentos dos nossos dias, quando ela está comigo na quinta.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque tenho consciência de cada partilha e são os conteúdos que acho que posso partilhar, sem apresentar nenhum problema para ela.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Não partilho conteúdo no *Instagram* com o objetivo de mostrar a minha filha aos outros, só partilho momentos bonitos com ela, como esta fotografia em que estamos as duas, e momentos na nossa quinta, porque acho engraçado.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Como disse, aquilo que partilho sobre ela são sempre fotografias ou vídeos dela comigo ou o que acho mais engraçado, porque acho piada à ligação dela com os animais, portanto o meu sentimento é sempre bom, mas como não partilho muito, também não tenho assim grandes reações.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, claro, nunca partilho coisas privadas devido a isso mesmo.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Por enquanto acho que não porque ela ainda é muito bebé e como não partilho grandes coisas sobre ela, penso que não.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Claro, por isso é que mantenho sempre as minhas partilhas no Instagram como coisas muito simples.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“A minha conta é pública porque a uso como conta profissional para dar a conhecer produtos que faço na minha quinta e também a dar a conhecer a minha profissão.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo o próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Os meus seguidores baseiam-se em amigos, pacientes e pessoas interessadas em medicina chinesa, e nos produtos naturais que faço, creio eu.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Sim, quando vejo que são coisas mais específicas e mais pessoais sobre ela, partilho nas histórias dos amigos chegados, como forma de garantir mais privacidade.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Sim, é sempre tudo conversado com o pai dela, porque às vezes precisamos de uma segunda opinião para não partilharmos demais.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não, acho que é tudo feito de forma intuitiva. Nunca ponho nada sobre ela se estiver nua, não partilho birras ou momentos que possam ser embaraçosos para ela no futuro, e tento que o seu rosto não esteja 100% visível e nítido.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Vai de encontro ao que respondi antes, é excessiva quando os pais põem publicações dos filhos quando estes estão nus, ou publicam momentos que possam vir a ser embaraçosos, e até momentos mais privados. Pelo menos para mim é isso.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Por enquanto não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não, porque não publico nada que seja diretamente sobre ela ou que mostre muito dela.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim, claro, acho que isso já é um não assunto porque já temos toda a informação sobre isso.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Vendo as publicações que tenho sobre ela, têm todas o mesmo número de interações.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Normalmente nem são muito palavras mas mais a utilização de emojis como corações ou carinhas felizes, muito à base do amor.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive um comentário negativo.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

Não se aplica.

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais likes? O que acha que é a justificação para tal?

“A que teve mais likes foi esta publicação que eu fiz que é um vídeo sobre o nascimento dela em que junto vários momentos e fotografias, e, foi por motivos óbvios, muitas felicitações por sermos papás.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Sinto-me bem, como toda a gente se sentiria, penso eu, e, também me sinto apoiada porque os comentários são também, normalmente, de amigos e pessoas chegadas.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não.”

Entrevistado 7

- Qual é a sua idade?

“40 anos.”

- Qual é o seu género?

“Masculino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou artista plástico e um faz-tudo.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“12ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Amadora.”

- Qual é o seu estado civil?

“União de facto.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho um filho.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“15 anos.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Masculino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Ele agora passou para o 10ºano.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“É assim, é difícil dizer a frequência porque se for durante a época desportiva dele, normalmente, são mais vezes porque publico mais vezes para o apoiar e mostrar os jogos deles, mas no geral, diria semanalmente. Mas publico mais stories do que publicações, no feed publico mais quando ele faz anos, ou quando quero partilhar algum marco dele no futebol, ou na escola. E como ele agora já tem página no Instagram, também já não publico tanto porque ele agora já tem idade de decidir o que quer partilhar também.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Sim, eu considero que não é muito exagerado porque cada vez mais vejo pessoas a partilhar muito sobre os filhos, especialmente quando eles são bebés, em tudo o que fazem e acabam por meter tudo e mais alguma coisa sobre os filhos., e, eu só partilho quando faz sentido, mas cada um faz o que quer, mas eu acho que não é exagerado.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Partilho mais coisas relacionadas com o futebol, por exemplo posso encontrar um vídeo mais antigo dele e também partilho. Coisas mais íntimas, só mesmo quando ele faz anos. Também só tenho uma fotografia assim mais íntima, quando ele tinha um ano, mas não são coisas muito reveladoras. É mais quando encontro alguma coisa. Como antes usava mais o facebook, às vezes vou lá buscar fotografias que gosto e partilho também no Instagram, porque tem coisas mais antigas. Mas normalmente é quando há alguma ocasião, não é do nada.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“A partilha surge em marcos mais especiais do meu filho na vida profissional dele porque são conteúdos que têm mais a ver com ele, que tem a ver com a vida profissional dele, que não entra num prisma mais pessoal. É mais sobre aquilo que ele faz, não é tanto sobre a intimidade dele e da família.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Eu partilho mais para dar a conhecer ao pessoal, mais familiar, ou amigos, porque aos que me seguem pelo meu trabalho, como não o conhecem, acho que não faz tanta diferença, é mais para partilhar os momentos para os familiares, apesar de saber que poderia fazer uma conta mais pessoal para a família.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Por exemplo, é mais em relação àquilo que falei antes, é mais fácil mostrar à família pelo Instagram dos feitos dele do que estar a ligar um a um para contar as coisas. É uma forma também de lhe dar mais visibilidade porque o Instagram acaba por ser uma ferramenta que bem usada pode dar vantagens e ajudar as pessoas a demonstrar as suas profissões. Também partilho mais sobre ele e sobre o seu crescimento no futebol para lhe dar aquele boost moral.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Por acaso, antes sentia-me mais, não receoso mas mais com um pé atrás porque ele também era mais novo, e aí, sentimo-nos sempre mais no dever de os proteger mais. Hoje em dia, sinto-me mais satisfeito, sinto-me bem a partilhar coisas dele, dentro desse contexto de mostrar as conquistas dele. Obviamente que antes faço reflexão sobre o que publico antes, porque ele já é grande e já percebe tudo, mas obviamente não vou pedir autorização. Faço essa reflexão partindo daquilo que eu conheço do meu filho porque eu já sei o que ele também não quer que eu partilhe. Quando nós éramos crianças também não gostávamos quando partilhavam aquelas fotografias nossas nuas, ou a mostrar as nossas rabugices, então tento não fazer isso porque já sei a sensação.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Penso e por isso é que estava a dizer isto agora, há muitas fotografias partilhadas de crianças que agora são memes nas redes sociais, e hoje em dia alguns são reconhecidos e têm traumas, ou seja, tenho de ter um certo cuidado para não estar a partilhar coisas sobre o meu filho para essas coisas não lhe acontecerem. E mesmo as imagens que penso que possam não criar embaraço, tenho de refletir porque pode causar sempre consequências na vida dele.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Sinceramente, não mas há sempre aquelas fotos que nos esquecemos que podem criar algum embaraço, no Instagram já não tenho, mas já publiquei aquelas fotografias para

gozar com ele, no bom sentido, de uma forma saudável. Tinha uma fotografia dele quando era criança na banheira, de certeza que ele agora iria dizer algo para apagar, mas quando são bebês, não vemos mal nisso. Mas temos sempre de pensar nessas implicações. Desde que não seja algo com objetivos negativos, não acho que seja mau fazer publicações dos nossos filhos. Mas acho que nunca publiquei nada que afetasse o desenvolvimento dele.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Vai influenciar sempre, não é o meu objetivo, mas vai influenciar sempre. No caso dele vai, porque muitos dos seguidores dele são meus seguidores, e a nível de visibilidade pode afetar, e podem comentar coisas dos meus filhos que ele pode não gostar, ou assim, não sei. Para além disso, já falei com ele sobre isto, e ele tem a conta dele pública porque eu disse que ele podia deixar assim para aprender e ter noção do mundo em que estamos. Ter o perfil privado ou não, não vai eliminar o perigo. Eles têm de ter noção do digital por eles também.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não, nunca.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Penso sempre antes de partilhar mesmo que seja algo mais simples, eu penso. Há fotos que se põe de bebês sem roupa, a mostrar a sexualidade e que nós pensamos que não são nada de especial por serem bebês, mas eu, por exemplo, nunca iria meter nada disto nas redes sociais, não faz sentido. Mas, ao mesmo tempo, não podemos pensar só no perigo senão não fazemos nada, o que temos de fazer é não meter esses tipos de conteúdo mais prejudiciais nas mãos de pessoas que gostam de prejudicar os outros.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É pública por causa do meu trabalho e utilizo as plataformas mais nesse sentido. Tenho duas contas de Instagram, uma mais virada para o trabalho e outra mais pessoal, mas como meu trabalho faz parte do meu quotidiano, acabo por utilizar essa também para divulgar o meu trabalho como artista plástico.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Não sou muito de pseudónimos mas utilizo o nome que eu escolhi para mim como artista.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Pessoas de culturas diferentes, de etnias diferentes, geografias diferentes, de várias faixas etárias, família, amigos, conhecidos e desconhecidos, mas dos desconhecidos conheço pelo menos 90%.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim, como já disse, tento sempre não publicar nada que o ponha em perigo, publico mais fotografias e vídeos sobre ele no futebol, ou momentos comigo, mas também como conheço maior parte das pessoas que me seguem, não há problema, mas sim penso sempre.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Já utilizei a opção dos amigos chegados, mas agora não utilizo porque normalmente começo a ver que tipo de pessoas veem os meus conteúdos e então não sinto necessidade em tal.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Não, neste momento eu não sigo a mãe do meu filho mas quando ela partilha coisas, nunca há nenhum problema, ela não exagera nem nunca exagerou em nada, sempre salvaguardou o interesse do nosso filho e eu faço o mesmo, e, então, não discutimos sobre isso, mas se alguém tivesse de me chamar a atenção só fazia sentido ser ela. Mas neste momento nunca aconteceu falarmos sobre nenhuma publicação.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, é aquilo que eu disse há bocado, é mesmo ver se aquilo que vou partilhar é adequado. Normalmente, faço uma triagem sobre o que meter, por exemplo, tirei umas fotos na praia, fiz um vídeo sobre essas fotos e escolhi as fotos de maneira a não meter nada embaraçoso e que o podem prejudicar. Só meto coisas que as pessoas achem giro.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“É excessivo quando os pais publicam coisas sobre os filhos que os podem prejudicar, como fotografias dos filhos nus, caras mais estranhas, fotografias que tenham saído mais estranhas, alguma coisa que eles não gostem que nós publiquemos sobre eles é inapropriado, expor detalhes muito pessoais sobre eles como localizações, datas, por aí.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Até agora não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Já, não por achar que fosse inadequado mas que fosse excessivo já.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim, há vários perigos, sei de algumas mas há sempre alguma coisa que não se sabe. Não digo que faça uma busca diária para ver o que se passa, mas vou vendo mais nas notícias, vou-me mantendo informado.

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Fotografias e vídeos dele a jogar futebol, mas também fotos dos anos dele.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Normalmente comentários positivos, a enaltecê-lo, e a comentar o crescimento dele.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive comentários negativos.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“No Instagram nunca tive, mas se tivesse iria falar com a pessoa para a chamar atenção se fosse uma pessoa que eu conhecesse, se fosse alguém que não conhecesse podia dizer o que quisesse, faz parte da vida. Se forem comentários negativos feitos para ajudar, eu aceito, se forem maldizer, não faz sentido.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Fotografias dele no geral, tanto comigo como no futebol, mas a que teve mais foi esta dos anos dele em que estamos os dois, e acho que é porque as pessoas têm mais empatia por ele ser criança, e gostam de ver coisas sobre ele.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“É bom porque a maioria são pessoas que nos conhecem, é bom ver mensagens de incentivo, e é normal, é bom ver que a família nos apoia, mas, ao mesmo tempo sei que não quer dizer nada porque são só redes sociais. ”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Nem por isso, talvez porque como nunca tive nenhuma reação negativa e ainda não tive a necessidade de o proteger nesse sentido, portanto, não influencia.”

Entrevistado 8

- Qual é a sua idade?

“Tenho 23 anos.”

- Qual é o seu género?

“É feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Neste momento, sou monitora de desportos radicais.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Fiz o 12º ano e ainda comecei a fazer uma licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, mas depois devido a situações da vida, não acabei.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou de Coimbra.”

- Qual é o seu estado civil?

“Solteira, mas namoro com o pai do meu filho.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho um filho.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Ele tem 5 meses.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“É masculino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Vai começar o berçário em Setembro.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Eu não acho que é assim tão frequente, partilho em média duas vezes por mês.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Não acho que seja uma partilha excessiva e como normalmente é feita para partilhar com os amigos o resumo de mais um mês com o meu filho do que se passou, não considerado nada excessivo, e, sim, acho adequado.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“No Instagram, o que costumo partilhar mais é fotografias e vídeos dele nos stories a mostrar o quão grande ele já está. Não publico tanto no feed.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Eu costumo partilhar mais no dia-a-dia quando ele aprende alguma habilidade nova porque acho giro partilhar com as pessoas, ou só mesmo porque fez mais um mês de vida.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque não sinto necessidade de partilhar nada mais detalhado sobre ele, também não tenho assim tanto tempo para mais partilhas porque ele ainda é muito pequeno.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Eu partilho mais com o objetivo de ter os meus amigos e familiares a acompanhar os vários passos do bebé e acompanharem o crescimento dele.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“No meu caso, tenho algum receio e já pensei mesmo em colocar a minha conta privada para ter um maior controlo de quem vê o que partilho.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, penso sempre, porque tenho noção de que o que está online permanece sempre online e nunca se sabe quem é que guarda cópias ou utiliza as nossas informações e fotografias, algo que me assusta um pouco por ser um bebé, daí já ter pensado em colocar a conta em privado para poder fazer uma partilha mais controlada, tendo noção mesmo assim de que poderá sempre haver uma “mente má” dentro dos seguidores.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

**- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)?
Porquê?**

“Com as publicações que faço agora, pelo menos creio que não, porque lá está a partilha é bastante controlada.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Nunca surgiu nenhum conflito mas ao início, eu e o pai dele debatemos imenso sobre se deveríamos publicar ou não, porque por exemplo, ele tem uma conta de instagram privada onde de facto só amigos e familiares têm acesso, então é uma partilha bastante controlada. Já a minha conta, como é pública, já é um pouco diferente, e apesar de grande maioria dos meus seguidores serem amigos e família sei que não são só eles que têm acesso. No entanto, ficou resolvido e não tem existido nenhum problema.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Sim, já pensei nisso, mas creio que não haverá problema nenhum.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É pública, mas como já expliquei, estou a pensar passar futuramente para privada.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo o meu nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Numa grande maioria é composto por amigos e família.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Sim, a nível de stories que é o que utilizo na partilha de fotografias e vídeos do bebé, tenho restrição para pessoas que não conheço e que não quero que vejam. Sem ser isso, não.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Sim, partilho sempre primeiro com o meu namorado, o pai do bebé para ver se ele também acha adequado por ter a conta pública, mas nunca houve problema.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não, apenas o tentar não expor demasiadas coisas pessoais para não o pôr em situações que não quero.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Talvez expor demasiadas informações pessoais, fotografias mais íntimas, fotografias que podem prejudicar o bebé e o crescimento dele, fotografias que podem chegar a pessoas que as utilizam para coisas negativas.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim, claro, como já te disse, eu preocupo-me com o facto de ter a minha conta pública mesmo por saber o que pode originar daí mas também como não partilho nada permanente, porque não partilho muito no feed, também é uma forma de prevenir alguma coisa, mas sim, uma pessoa preocupa-se sempre com estas coisas, ainda por cima quando somos pais.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Tem quase tudo o mesmo tipo de interação, também não ligo muito a isso, sinceramente.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Comentam sempre coisas positivas, a dizer que ele é lindo, muitos emojis fofinhos, que cresceu imenso em 5 meses.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive nada de comentários negativos.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

Não aplicável.

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Foi a fotografia em que eu anunciei a gravidez porque penso que era algo inesperado por causa da minha idade e foi a fotografia do nascimento dele porque é sempre aquelas fotos que as pessoas gostam mais e de comentar mais porque são bebés.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Fico-me a sentir bem e feliz porque são mais os nossos amigos e família a comentar e é sempre bom sentirmo-nos apoiados, claro.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não, só publico mesmo quando quero e o que quero, mesmo para o proteger.”

Entrevistado 9

- Qual é a sua idade?

“35 anos.”

- Qual é o seu género?

“Masculino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou vendedor e repositor de vegetais.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Tenho o 12ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou de Aqualva- Cacém.”

- Qual é o seu estado civil?

“Solteiro.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho um filho.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Ele tem 12 anos.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Masculino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Passou agora para o 7º ano.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Vamos pôr de 2 em 2 meses.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Ah lá está, eu não faço uma separação entre partilhar coisas do meu filho e partilhar coisas pessoais. O meu filho faz parte da minha vida, ela é exposta consoante alguns graus de satisfação, autorrealização, momentos agradáveis, por aí. E sim, considero que seja adequado.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É tudo lifestyle, momentos do dia-a-dia, como podes ver nesta foto dele, em que tinha perdido um dentinho e eu publiquei, é mesmo coisas do dia-a-dia.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Em contextos de euforia, de realização pessoal, como já tinha dito, em contextos de alguma ponderação, porque estamos a falar de exposição seja ela de menores ou seja minha privada. Eu exponho porque sinto que não há momentos, na minha perspetiva, que o possa prejudicar diretamente.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque sou uma pessoa que adora bons momentos e esses bons momentos às vezes são registados em fotografias e essas fotografias fazem parte da nossa vida, dos nossos momentos, mais por aí.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“A ideia é como já te disse, faz parte de mim, e como faz parte de mim surge com muita naturalidade, não existe uma data e uma hora específica para essa partilha. No mesmo dia sou capaz de partilhar 3 fotos, como daqui a um ano só partilhar uma. Não existe nada calculado, existe sim um lifestyle, uma motivação de autorrealização que me faz partilhar seja vídeos seja fotos, momentos em que descobrimos coisas os dois juntos, por aí.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Hum... lá está.. qual é o sentimento? O sentimento é um sentimento de autorrealização, sinto que estou bem, que provavelmente passei uma boa jornada, que teve um bom contexto, que pá, eu normalmente não partilho coisas menos positivas onde ele se aleijou onde ele teve um mau comportamento, ou teve uma má postura, não é sempre coisas que passamos juntos, que vivemos juntos e então acho que é muito por aí.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“A longo prazo, não penso muito sinceramente, porque lá está hoje em dia, acredito que as redes sociais já existem há muito tempo, e eu acho que existem questões que temos de ponderar mas existem outras que não são tão importantes, por isso não vejo isso assim.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não, acho que não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Não, acho que não.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Já pensei, porém cheguei à conclusão que não tenho nada nocivo.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada, porque só me segue quem eu quero e também só sigo que eu quero.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo o nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Vai depender muito, como fui muito tempo músico, existem muitas pessoas que vão lá rever os meus trabalhos, mas sim maior parte são pessoas que sabem quem eu sou, e que também tenho uma relação com elas, sei quem são, onde vivem, etc.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Mais ou menos, de 0 a 10, dou 2 a 3 de importância.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Não. Aliás, eu limitei a publicação de coisas sobre o meu filho até aos dois anos por achar que não fazia sentido partilhar para o tentar proteger. A partir daí partilhei sempre o que quis.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Não.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não partilho algo que seja muito privado, algo de cariz sexual, quando eu falo disto estou a falar de várias coisas, algo que possa trazer consequências para ele no futuro, por aí.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Quando o objetivo dessa mesma partilha deixa de ter fundamento, ou seja, se eu partilho para me sentir bem, porque atingimos alguma coisa juntos, porque achei que a fotografia estava bonita, que o contexto foi especial, quando eu sinto que esses objetivos não estão salvaguardados, não faz sentido.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não, até hoje não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim, claro. Eu protejo-o muito no acesso a nível de localização, uma vez que sou pai separado, tenho sempre esse cuidado para não o expor tanto também a dados mais pessoais dele, ou a muitos detalhes dele. Lógico que se for como a praia de Santo Amaro, posso identificar a praia mas a nível de casa e esse tipo de questões, tenho esse cuidado.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Momentos mais ternurentos entre os dois como esta publicação aqui ou esta fotografia dele mais pequeno em que tinha acabado de fazer um corte ao cabelo eheh, mas no geral, são momentos em família, momentos entre os dois.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Lá está, comentários de ternura, fofos, que giros, ah pronto, tem o feitio do pai, que tá crescido e como tempo voa, coisas assim.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive nenhuma publicação com comentários negativos.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Se tivesse, reagia bem porque todo o tipo de exposição está sujeito a isso.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“São quase todas as fotografias que temos juntos, porque as pessoas que o me conhecem e o conhecem gostam de nós e gostam de presenciar estes momentos de ternura entre nós. Mas olha é este que estou eu, ele e o meu pai, e acho que foi porque era o dia do pai e estávamos os três na fotografia, a mostrar as gerações.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Ah, sinto que o objetivo foi concluído, que é conseguir passar um pouco da minha vibração para o mundo exterior.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não.”

Entrevistado 10

- Qual é a sua idade?

“24 anos.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Operadora de fábrica.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“12ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Neste momento vivo na Suíça. Vim à cerca de 4 anos viver com o meu marido e decidimos criar a nossa menina aqui.”

- Qual é o seu estado civil?

“Casada”

- Quantos filhos têm?

“Tenho uma filha.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Ela tem 8 meses.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

Não aplicável.

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Partilho todos os meses uma publicação sobre ela no feed e com mais regularidade nos stories porque mostro mais momentos do dia-a-dia.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seu(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Não é que tenha necessidade de partilhar, é mais por gostar de partilhar o crescimento dela com as pessoas que gosto. E por isso acho adequado porque não em demasia e não exponho a nada de mal.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É mais fotografias do crescimento mensal e do dia-a-dia dela.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Surge quando temos momentos bons, que acho bonitos para recordar mais tarde, tanto para mim como para os meus familiares que conseguem ter acesso às coisas dela mais facilmente por partilhar porque estamos na Suíça.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque enquanto mãe e pessoa que utiliza o instagram e vê conteúdos de outras mães, estes são os conteúdos que mais gosto de ver e que acho mais adequados para ela.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“É como disse, partilho para demonstrar momentos bonitos que tenho com ela como recordações para a vida e para mostrar o quanto ela está crescida e o desenvolvimento dela todos os meses para a família.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Eu como publico fotografias quase sempre iguais todos os meses que são para demonstrar o desenvolvimento que ela vai tendo, como podes ver, não partilho informações mais privadas dela, não se consegue saber nada. Mas em relação às publicações que faço, faz-me sentir bem em mostrar aos meus familiares notícias sobre nós.”

- **Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?**

“Sim.”

- **Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?**

“Penso que não.”

- **Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?**

“Não é algo que costume pensar mas acho que não.”

- **Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?**

“Até ao momento não, porque desde que ela nasceu disse que não queria que publicassem fotos da cara dela nas redes sociais e toda a gente tem respeitado.”

- **Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?**

“Penso que não haverá problema porque estou a tentar não expô-la muito.”

- **A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?**

“É privada porque não gosto de partilhar as minhas fotos e vida com pessoas que não conheço de lado nenhum.”

- **Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?**

“Nome próprio.”

- **Como são compostos os seus seguidores?**

“Principalmente família, amigos e conhecidos.”

- **Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?**

“Sim.”

- **Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?**

“Não.”

- **Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?**

“Sem ser o pai, não, porque a decisão será sempre minha e dele.”

- **Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?**

“Só tentamos com que não haja muita exposição dela e fotos que não mostrem a cara dela.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Acho que é excessivo quando há momentos muito privados ou nudez. Ou momentos em que a criança não se sinta à vontade para a exposição.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim, sempre.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“As fotografias que ponho da diferença dela mensalmente.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“São sempre comentários simpáticos, com carinho, a dizer que amor, que princesa, que é linda.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nenhuma.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Não tenho.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Como disse são as fotografias a mostrar o crescimento dela mensalmente, e acho que teve mais comentários e likes porque são pessoas que nos são próximas e gostam de ver a bebé a crescer.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Fico sempre feliz pelo carinho todo que as pessoas que nós conhecemos nos dão.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não.”

Entrevistado 11

- Qual é a sua idade?

“29 anos.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Administrativa.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“12ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou do Seixal.”

- Qual é o seu estado civil?

“Casada.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho 1.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Tem um anito.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminina.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Berçário.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Gosto de partilhar bastante, não são todos os dias, mas partilho ainda algumas vezes por semana. Mas também partilho mais porque tenho o perfil privado, porque se tivesse público, talvez já pensasse duas vezes.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Talvez não considere adequado mas sendo que tenho o perfil privado e só vê quem eu quero porque sou eu que escolho quem me segue, sinto-me à vontade para fazer

publicações quando quero sobre a minha filha, mesmo sabendo que corro sempre riscos.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Normalmente são mais fotografias e vídeos sobre a evolução da minha filha.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Normalmente, essas fotografias e vídeos que partilho acontecem quando ela faz traquinices, quando faz algum desenvolvimento novo ou quando gosto de mostrar fofura às outras pessoas.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Sinceramente, é porque me sinto uma mãe babada e gosto de partilhar a alegria que é ter a minha filhota.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Oh, a minha filha é a minha motivação para partilhar, então gosto de estar sempre a partilhar sobre ela e o que nos acontece ao longo do tempo, é mais por esse lado.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Às vezes tenho receio e medo por partilhar muito sobre a minha filha online devido às coisas que uma pessoa vai vendo que acontece aos outros, e pensamos que nunca acontece a nós, mas não podemos pensar sempre no pior. Mas, no geral, sinto-me bem, porque é partilhar sobre um amor maior.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Claro que sim, é impossível não pensar, até porque estamos sempre a ver nas notícias e online o que acontece, mas sim, penso bastante sobre isso.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Ai isso não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Não, porque é como disse antes, não tenho nada que ache que possa afetar a minha filha no futuro, então nas redes sociais também penso que não, pelo menos não tenho nada que ache que possa acontecer isso.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não, quando ela nasceu eu e o meu marido tomámos a decisão de pelo menos até mais ou menos 3/4 meses não partilharmos nada sobre ela, mas depois disso começámos a partilhar sobre ela.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Sim, claro que sim, mas quando ela for mais velha e tiver idade para ter redes sociais e começar também a partilhar coisas sobre ela, eu sei perfeitamente o que lhe vou dizer e explicar sobre as minhas publicações. Estas são sempre feitas com amor e para demonstrar o meu amor por ela e então também não acho que ela se vai sentir envergonhada ou chateada, mas sim, quando ela for mais velha, irei explicar o meu ponto de vista.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada, porque é uma maneira de escolher as pessoas que vêem o que publico sobre a minha filha. E também é uma maneira de proteger.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo um pseudónimo, e, por causa disso é um bocado difícil encontrar-me.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“É mais família, amigos, professores e conhecidos que já foram mais próximos mas que tenho confiança.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim, penso e sei que independentemente da conta ser privada ou não, a privacidade não existe, de todo.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Sim, é aquele que já disse, tenho a conta privada para isso e também tenho a conta restrita para algumas pessoas por sentir que não quero que vejam.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Sim, com o meu marido, porque ambos temos de consentir em tudo sobre a menina, só assim faz sentido para nós.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não, penso que só não devemos publicar fotos de nudez, só isso mesmo.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“É mais quando existem fotos de nudez porque independentemente de hoje em dia já conseguirmos fazer tudo, não considero apropriado publicar esse tipo de fotos em redes sociais, não faz sentido.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não, porque tudo o que eu coloco é pensado antes de o fazer e é falado com o meu marido, para que não aconteça isso.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sempre.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“São os vídeos e as fotografias que publico sobre o desenvolvimento e o crescimento dela.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Normalmente, passa tudo pelo mesmo, ou seja, muitos elogios, muita gente a dizer que ela é muito fofinha.. é tudo elogios.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Olha nunca tive nada disso.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

Não aplicável.

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Como te disse, é mais sobre o crescimento dela e todas as fotos dela são sempre comentadas pelas mesmas pessoas e têm sempre o mesmo tipo de comentários.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/*likes* em relação às suas publicações?

“Oh claro que gosto, fico muito feliz e sinto-me orgulhosa, claro, sou mãe, quem não ficaria feliz?”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não, porque ainda faço o que quero da vida.”

Entrevistado 12

- Qual é a sua idade?

“Tenho 33 anos.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou assistente administrativa.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Licenciatura.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou de Évora.”

- Qual é o seu estado civil?

“União de Facto.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho uma filha.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Tem 1 aninho.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Ela frequenta a creche.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Partilho com bastante frequência por acaso, é quase todas as semanas.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Como não é uma necessidade, nem é algo agendado e partilho quando quero, acho adequada a quantidade de vezes que partilho.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É quase sempre momentos com a família e com os nossos amigos, tempos livres que tenho com ela e tiro fotografias e faço vídeos de viagens que fazemos.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“É feita em datas especiais, momentos do dia-a-dia e quase sempre em momentos que considero engraçados.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Penso que sejam esses porque gosto de partilhar os nossos momentos e partilhar o crescimento e o desenvolvimento dela.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“À semelhança de outras publicações são momentos que fazem parte da minha vida e também funciona como uma partilha semanal para os amigos e família que temos no estrangeiro para acompanhar a nossa vida.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Sinto-me tranquila porque sei que não partilho nada que lhe possa fazer mal, e, partilho o que gosto, portanto... sinto-me bem.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, como estava a dizer, não partilho nada que considere que a prejudique e que possa causar problemas para a vida dela.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Não, penso que de momento não faz qualquer diferença porque ainda é muito pequena e não partilho nada que a prejudique.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Sim, com a minha mãe por considerar que ela faz partilhas excessivas da minha filha num perfil público com muitos seguidores, e, falei com ela para ela não fazer tantas partilhas e expliquei que era pela segurança da menina.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Sim, penso muitas vezes.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada, só tenho mesmo pessoas no meu Instagram que efetivamente conheço na minha vida do dia-a-dia.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo o nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“São compostos por amigos e família.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Já tenho o perfil privado, aquilo que considero que não deve ser visto simplesmente não partilho.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Sim, é sempre discutido entre mim e o pai de modo a verificarmos se é adequado e termos o consentimento dos dois.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, não partilhamos fotografias nuas ou que consideramos que possa envergonhá-la de algum modo.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Considero inadequado fotografias nuas e que invadam a intimidade da criança, ou páginas públicas em que qualquer pessoa possa aceder às mesmas.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Até ao momento nenhuma.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Por norma as fotografias dela sozinha têm sempre várias interações, tanto gostos como comentários, pela sua boa disposição, como podes ver aqui.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Sempre comentários positivos, normalmente é a dizer que ela é linda, ou está crescida.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca tive comentários negativos.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Nunca tive nenhum comentário negativo, caso venha a ter não valorizo.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Sem dúvida foi a publicação do nascimento dela, provavelmente por ser um momento de grande celebração.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/*likes* em relação às suas publicações?

“Não ligo muito para a abordagem das outras pessoas, é-me indiferente.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“De maneira nenhuma, só publico aquilo que quero e que gosto.”

Entrevistado 13

- Qual é a sua idade?

“34 anos.”

- Qual é o seu género?

“Masculino.”

- Qual é a sua profissão?

“Caixeiro de peças de automóvel.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“9ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Seixal.”

- Qual é o seu estado civil?

“Casado.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho uma filha.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Tem um ano.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Berçário.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Não é nada frequente, são muito poucas vezes.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Não o faço com tanta frequência porque não sinto uma grande necessidade de demonstrar a minha filha nas redes sociais.. não sou muito de partilhar coisas por lá.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“O que partilho mais são fotografias dela.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“É só partilhas de coisas que gosto de fazer com a minha filha e momentos que fotografei que acho que são bonitos de partilhar. Mas nada de especial porque não gosto de partilhar muito.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Oh eu partilho o que me faz sentir bem, não o faço muito porque tenho noção das coisas.. mas partilho só o que acho que faz sentido porque não gosto de partilhar muito na Internet.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“É mais com a intenção de demonstrar aquilo que gosto, que faço habitualmente com ela e que me faz feliz.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Não gosto muito de fazê-lo, e como é raro fazê-lo, não há nenhuma coisa que sinta em relação a isso, só publico quando quero e pronto.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Não.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Sim e por isso é que não partilho muito, já com a minha vida é assim, mesmo para tentar com que não haja esse tipo de problemas nem para mim nem para os meus.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“Privada, porque não quero ninguém que não conheça a ver as minhas publicações porque não faz sentido.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“É só amigos e família.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Sim, a minha forma de limitar é mesmo colocar o mínimo possível online.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Sim, com a minha mulher mas ela já sabe como sou e como penso, e, então quando é ela a partilhar ou eu já sabemos que não vamos pôr nada que um ou outro ache que é errado meter online.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não, é só mesmo o que já disse, tentar limitar o número de publicações online e ter cuidado com o que se põe.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar online? Porquê?

“Na minha opinião, torna-se excessiva quando se partilha demasiado sobre a vida privada tanto nossa como das crianças, porque se tivermos a pôr muitas informações nossas nas redes sociais também estamos a pôr em perigo em crianças, e então não devemos colocar muita coisa porque a vida é só nossa e ninguém tem nada a haver com isso.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação online? Dê um exemplo.

“Sim, quando a menina nasceu queria pôr uma fotografia para celebrar o nascimento dela mas pensei melhor porque a menina era demasiado pequenina e não me senti completamente à vontade, então pensei melhor e não meti nada.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“As que têm mais comentários são as fotos que ela está no meu jipe ou na moto 4.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É sempre a falar bem dela e a dar elogios.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Não tenho nada.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Não tenho, mas se tivesse não ligava nada.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Todas as publicações com elas têm quase o mesmo número de likes e comentários porque toda a gente gosta mais quando são partilhas são sobre filhos e porque ela é linda.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Gosto de ler mas mais do que ler gosto de ouvir pessoalmente, então não ligo tanto como se fosse presencial.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não.”

Entrevistado 14

- Qual é a sua idade?

“32 anos.”

- Qual é o seu género?

“Masculino.”

- Qual é a sua profissão?

“Tratorista.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“9ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Aveiras de Cima.”

- Qual é o seu estado civil?

“Solteiro.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho dois filhos.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“6 e 7 anos.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminino e masculino, respetivamente.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Ela vai agora para o 1ºano e ele vai para o 2ºano.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Depende, costuma ser uma vez por mês.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Boa questão, não sei bem, mas acho que como venho trabalhar durante muito tempo fora, meto fotografias deles para matar as saudades, e acho adequado. Partilho porque é uma coisa que faz parte da minha vida, e publico porque me faz feliz.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“O que partilho mais são fotografias deles os dois que eu acho muito bonitas e que me trazem saudade, e partilho para registar a minha saudade e o meu amor por eles, como se vê nesta fotografia em que eu digo que já iremos estar juntos.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Surge em contexto de saudade, quando fazemos coisas novas e acho coisas engraçadas, em contexto de amor por eles, de mostrar o meu amor por eles e o seu crescimento.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque eles fazem parte da minha vida e eu gosto de os mostrar, de mostrar fotografias deles, de momentos com eles, e de relembrar o que passa rápido.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Eu acho que não tenho um objetivo para partilhar, eu só gosto de partilhar porque eles fazem parte da minha vida e como a conta é minha, posso usá-la para partilhar os momentos que tenho com eles.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Olha, para te ser sincero, não sinto assim nada de especial, só sinto orgulho dos meus filhos e que os amo muito e como eles fazem parte da minha vida para sempre, irei sempre partilhar quando acho que deva partilhar.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sinceramente não penso muito, obviamente pode haver sempre coisas que vão afetar os nossos filhos mas não penso muito, se calhar deveria mas não penso.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não, porque antes de publicar, penso sempre primeiro se aquilo que eu publico pode prejudicar os meus filhos, porque nunca se sabe o que pode ser utilizado contra nós, infelizmente. Eu até já partilhei fotografias deles na praia, mas entretanto apaguei, não acho que faça mal, até porque não se vê nada de especial, mas apaguei.”

**- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)?
Porquê?**

“Não.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Não penso muito nisso, como a conta é minha, eles neste momento como são crianças, só têm de aceitar aquilo que neste momento ponho, mas também não ponho nada que ache mau. Eu ainda tenho consciência do que partilho.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É pública, porque não tenho nada a esconder e não acho que tenha de ser privada.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“É só família.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Não porque se pensasse nisso tinha de andar a rever tudo o que ponho e se calhar começaria a pensar demasiado sobre aquilo que publico sobre mim e sobre os meus filhos, e como não acho que publique nada de especial, nem que prejudique, nem que chame a atenção, não faz sentido.”

**- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas?
Se sim, qual (quais)?**

“Não.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Não.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não, só publico mesmo o básico.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Sei lá, não penso muito nisso. É assim tudo tem regras, todos sabemos que há perigos na Internet e que devemos pensar nisso, e que se publicarmos algo inapropriado que ficará para sempre nas redes sociais, mas não penso nisso. É excessivo se partilhar coisas íntimas deles, fotografias nuas, coisas que os prejudiquem. Todos temos de ter um bocadinho de noção do que publicamos.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Preocupo-me mas não penso nisso.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“Qualquer uma que ponho deles tem a mesma interação com os meus seguidores, por ser sempre a família, mas é mais nos aniversários.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Os comentários costumam ser mais reações positivas com emojis, às vezes dizem que estão grandes, e que estão bonitos, o normal.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Não tenho comentários negativos.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Se tivesse comentários negativos, confrontava a pessoa, e bloqueava a pessoa tanto das redes sociais como da nossa vida.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“São as publicações dos aniversários porque as pessoas gostam sempre de estar presentes nesses momentos, e como só tenho família a seguir, faz sentido ser essas publicações com mais comentários.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Sinto-me bem, sinto orgulho nos meus filhos e no que eles se estão a tornar e gosto de ver que as pessoas também gostam de ver como eles estão e como estão grandes.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não ligo a nada disso, publico por mim, não para os outros, os outros só veem se quiserem.”

Entrevistado 15

- Qual é a sua idade?

“33.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Empregada de balcão.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“9ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Cacém.”

- Qual é o seu estado civil?

“União de facto.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho duas filhas, e vou ter agora o terceiro.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“12 e 7 anos.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

“Uma vai para o 8ºano e a outra vai para o 3ºano.”

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Uma vez por mês.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“Porque gosto de ter uma publicação a demonstrar as minhas filhas e o que sinto por elas, tanto em publicações normais, dia da criança ou em aniversários, e agora com a minha gravidez também gosto de partilhar sobre os três e como somos uma família feliz.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Partilho mais fotografias de momentos especiais, quase sempre delas as duas juntas, e uma ou outra com elas separadas para também demonstrar o meu amor separadamente, até porque a mais pequena ainda sente muitos ciúmes e as duas já têm acesso às redes sociais.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Surge quando tenho saudades das duas, porque como sou separada de ambos os pais delas, e elas têm semanas com os pais delas, e, eu não estou todos os dias com elas, porque trabalho longe, é quando sinto mais saudades, ou quando vejo fotografias delas mais novas ou em bebé na minha galeria do telemóvel e gosto de partilhar.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque como elas as duas já têm redes sociais, elas já veem o que eu publico, já fazem uma avaliação daquilo que eu publico, e é para lhes mostrar amor através dos parabéns, ou de memórias, e elas gostam sempre de ver. Porque acho que tenho de partilhar, não sei, e porque gosto de partilhar.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“Eu partilho porque elas fazem parte da minha vida, e o objetivo do *instagram* é partilhares um pouco da tua vida, então eu partilho um pouco sobre mim e como as minhas filhas fazem parte de mim, também gosto de partilhar sobre elas, e elas também têm *instagram*, então também gosto de partilhar para elas verem que as publicações e verem que as amo muito.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Sinto-me bem, sinto-me orgulhosa em mostrar publicações sobre elas, porque são lindas.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, penso, mas não ao ponto de parar de publicar sobre elas porque não publico nada de mal, na minha opinião.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Acho que não. Acho não é. Também nunca falei nada disso com elas nem elas vieram falar comigo para tirar alguma coisa delas.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Acho que não se irão sentir mal, porque não publico nada que ache mal, também não mostro muito sem ser a cara delas. Até tenho cuidado porque a mais velha já teve mais gordinha e tinha problemas de autoestima por causa disso, então pensei sempre nisso para não a prejudicar e nunca meti nada.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“É privada, porque só aceito quem eu quero.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“O nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Amigos, conhecidos, família, também tenho pessoas que não conheço mas são de amigos em comum.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Não, porque acho que não meto nada assim de relevante.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas? Se sim, qual (quais)?

“Não.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Não, nunca houve nenhuma conversa porque os pais delas também publicam.”

- **Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?**

“Não.”

- **Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?**

“Fotografias das crianças mais expostas ao mundo, por exemplo, de bikini, nus, ou quando gravam e poem nas redes sociais aqueles vídeos deles a dizerem asneiras ou coisas que não deviam dizer porque achamos piada. E nós quando somos pais e eles são pequeninos não vemos maldade naquilo, e acabam por dar força a essas coisas e mais tarde eles não vão gostar de ter isso exposto para toda a gente.”

- **Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?**

“Não.”

- **Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.**

“Não.”

- **Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?**

“Sei os básicos, aqueles que toda a gente sabe, mas não costumo ir à procura de informações, vou sabendo de conversa com as pessoas, ou de ler, e ver nas redes sociais quando aparece.”

- **Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?**

“São os aniversários, porque as pessoas gostam de felicitar.”

- **Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?**

“Nada de especial, são felicitações, a dizer que elas estão bonitas, que estão grandes, o normal, porque é quase tudo família.”

- **Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos *likes*? O que acha que é a justificação para tal?**

“Não.”

- **O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?**

“Se os tivesse, seria estranho, ainda por cima sendo família. Provavelmente, depende da pessoa, ou falava com a pessoa para pedir satisfações, apagava o comentário para elas não ficarem com isso na cabeça, ou bloqueava, mas depende muita da pessoa.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais *likes*? O que acha que é a justificação para tal?

“Como já disse, são os dos anos e esta aqui que estamos todos juntos no Natal. Provavelmente é a que tem mais likes porque estamos todos juntos, com o padrasto delas e os filhos dele, e como é a única foto que temos todos juntos, é normal ser a que tem mais likes.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Fico contente, fico orgulhosa.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não. Não me faz diferença, eu ponho quando me apetece, meto quando quero.”

Entrevistado 16

- Qual é a sua idade?

“34 anos.”

- Qual é o seu género?

“Feminino.”

- Qual é a sua profissão?

“Sou gerente de uma loja de shopping.”

- Qual é o seu grau de escolaridade?

“Tenho o 12ºano.”

- Qual é a sua localidade?

“Sou de Sintra.”

- Qual é o seu estado civil?

“Solteira.”

- Quantos filhos têm?

“Tenho uma pequenina.”

- Qual é a idade do(s) seus filho(s)?

“Tem 6 meses.”

- Qual é o género do(s) seus filho(s)?

“Feminino.”

- Qual é o grau de escolaridade do(s) seus filho(s)?

Não aplicável.

- Com que frequência é que partilha conteúdos (fotografias/vídeos/informações) do(s) seu(s) filho(s)?

“Partilho com bastante frequência, acho que é sempre dia sim dia não, mas há mesmo semanas que partilho todos os dias, normalmente partilho dia sim dia não na parte do feed e nos stories partilho todos os dias alguma coisa sobre ela. Mas também depende, pode ser muitas coisas sobre ela, como ser só uma fotografia.”

- Porque é que tem necessidade de partilhar conteúdos sobre o(s) seus(s) filho(s) com essa frequência? Considera-a adequada?

“As minhas redes sociais funcionam como meu diário então sim considero adequado porque faz-me sentido que seja quase todos os dias. Como a minha filha faz parte da minha vida, claro que vou partilhar sobre ela e fará sempre parte da minha partilha.”

- Que tipo de conteúdos é que partilha mais sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“É quase sempre atividades do dia-a-dia comigo, quando vamos passear, quando vamos às compras, em casa, com o pai no trabalho dele, e com amigos e família.”

- Em que contextos é que surge a partilha?

“Muitas vezes num contexto pessoal, como partilha de momentos com ela e sobre ela, mas também num contexto opinativo, porque também utilizo o Instagram para partilhar a minha experiência como mãe e as minhas opiniões sobre as dificuldades que existem.”

- Porque acha que são esses os conteúdos que mais partilha sobre as crianças?

“Porque se o meu instagram funciona para mim como um diário que gosto de manter e pretendo continuar, são estes os conteúdos, os momentos com a minha filha, o crescimento dela, que pretendo ter registo e partilhar com os outros.”

- A partilha de conteúdo no *Instagram* é feita com que objetivos e motivações?

“É o que te disse, as minhas motivações quando partilho no instagram é registar momentos para criar um diário.”

- Como é que se sente quando partilha informações sobre o(s) seu(s) filho(s) nas redes sociais *online*?

“Não tenho por hábito partilhar informações pessoais dela, apenas momentos com ela mas o que partilho faz-me sentir nostálgica porque como já tenho publicações desde que

percebi que estava grávida, faz-me lembrar o processo todo da gravidez, até agora, que ela já tem 6 meses, e faz-me sentir feliz ver estes momentos todos que já vivemos.”

- Quando partilha pensa nas consequências que pode ter futuramente na vida do(s) seu(s) filho(s)?

“Sim, penso, por isso não partilho nada de informações pessoais.”

- Acha que já publicou conteúdo que possa ter tido implicações na vida privada dos seus filhos?

“Não.”

- Acha que poderá afetar a construção da identidade digital do(s) seu(s) filho(s)? Porquê?

“Não acredito que possa afetar alguma coisa sinceramente. Mas na realidade é uma pergunta que ainda não consigo dar uma resposta definitiva. Somos a primeira geração com filhos e com redes sociais em simultâneo. Só os nossos filhos crescidos e com identidade digital criada por nós, ou não, vão conseguir responder com certeza a isso. Mas por agora não acredito que possa afetar.”

- Já surgiu algum conflito com o(s) seu(s) filho(s) ou com algum membro da família por alguma partilha? Se sim, porquê?

“Não, a nossa família tem-nos como duas pessoas responsáveis e conscientes e não tem por hábito questionar as nossas escolhas enquanto pais.”

- Alguma vez pensou no que a criança pode sentir futuramente quando for mais velha e tiver mais consciência?

“Sim, possivelmente o mesmo que eu senti quando vi os meus álbuns de bebé e criança, apenas num outro formato. A escala poderá ser diferente mas na realidade não fazemos ideia a quantas pessoas os nossos pais mostraram as nossas fotografias e os nossos vídeos.”

- A sua conta pessoal é pública ou privada? Porquê?

“Pública porque não me faz sentido para já ter uma rede social se for para restringir a que pessoas chega.”

- Utiliza o seu nome próprio ou algum pseudónimo?

“Utilizo o nome próprio.”

- Como são compostos os seus seguidores?

“Tanto família e amigos, como mulheres e homens que não conheço entre os 18 e os 34 anos, por aí.”

- Pensa na questão da privacidade quando faz publicações nas redes sociais *online*?

“Sim, penso.”

- Utiliza alguma estratégia para limitar o público em publicações mais específicas?

Se sim, qual (quais)?

“Não, se eu achar que alguém não pode ver determinado conteúdo, não partilho de todo.”

- Quando pensa em partilhar informações sobre o(s) seu(s) filho(s), esta é discutida e consentida por outro membro da família? Quem? Porquê?

“Sim, com o pai dela, porque somos os maiores interessados e responsáveis pelo bem-estar da nossa filha.”

- Há algum processo decisório ou algum conjunto de regras para o que partilha sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Não, simplesmente não partilhamos algo que possa deixar a nossa filha em alguma posição vulnerável.”

- Para si, quando é que a partilha se pode considerar excessiva e/ou inapropriada para colocar *online*? Porquê?

“Pode-se tornar excessivo se partilhar informações sobre a escola por exemplo, fotos com nudez, porque podem pôr em causa a sua segurança e a sua integridade emocional, acho que pode essas são as coisas mais problemáticas.”

- Existe alguma partilha que se tenha arrependido? Pode dar exemplos? Porquê?

“Não.”

- Já teve alguma dúvida se devia colocar alguma informação *online*? Dê um exemplo.

“Não.”

- Preocupa-se em saber e/ou sabe os perigos existentes na internet quando partilha algo?

“Sim, estou sempre à procura de informações para estar atualizada sobre os perigos que cada vez mais estamos expostos infelizmente. Não só pelos nossos filhos mas por nós também.”

- Qual é o tipo de publicações que põe sobre o(s) seu(s) filho(s) que têm mais interação com os seus seguidores?

“São mais as fotografias e os vídeos em que partilho momentos dela comigo ou dela com o pai.”

- Que tipo de comentários costuma ter nas publicações sobre o(s) seu(s) filho(s)?

“Normalmente são mais comentários da minha família e dos meus amigos a dizerem que ela é linda e fofa.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários negativos/ menos likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Nunca aconteceu nenhuma publicação da minha filha ter comentários negativos nem menos likes comparando com outras em que ela não está.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários negativos em relação às suas publicações?

“Nunca aconteceu, mas sendo completamente honesta é impossível não ficar triste ou um pouco incomodada. Quando partilho algo certamente partilho porque acho algo bonito ou interessante ou simplesmente porque gosto do que estou a partilhar e se alguém tiver uma opinião contrária à minha, claramente, me vai deixar incomodada, ainda que por um breve momento.”

- Que tipo de publicação é que obteve mais comentários positivos/mais likes? O que acha que é a justificação para tal?

“Tanto fotografias em família como carrosséis de fotos em que partilho momentos do dia-a-dia são as que tem mais likes, como esta em que são fotografias de nós as duas, porque acredito que seja porque as pessoas se conseguem identificar.”

- O que sente e qual é a sua reação quando existem comentários positivos/likes em relação às suas publicações?

“Fico contente que o meu conteúdo e as minhas partilhas sejam gostáveis pelos outros.”

- As reações às suas publicações influenciam de alguma forma a quantidade e/ou o tipo de publicações que faz sobre o(s) filho(s)?

“Não como já disse antes, utilizo o instagram pessoal como diário então por norma a quantidade de partilhas e a forma como partilho conteúdos com a minha filha é orgânico, e, então, não influencia nada mesmo que goste de receber elogios.